



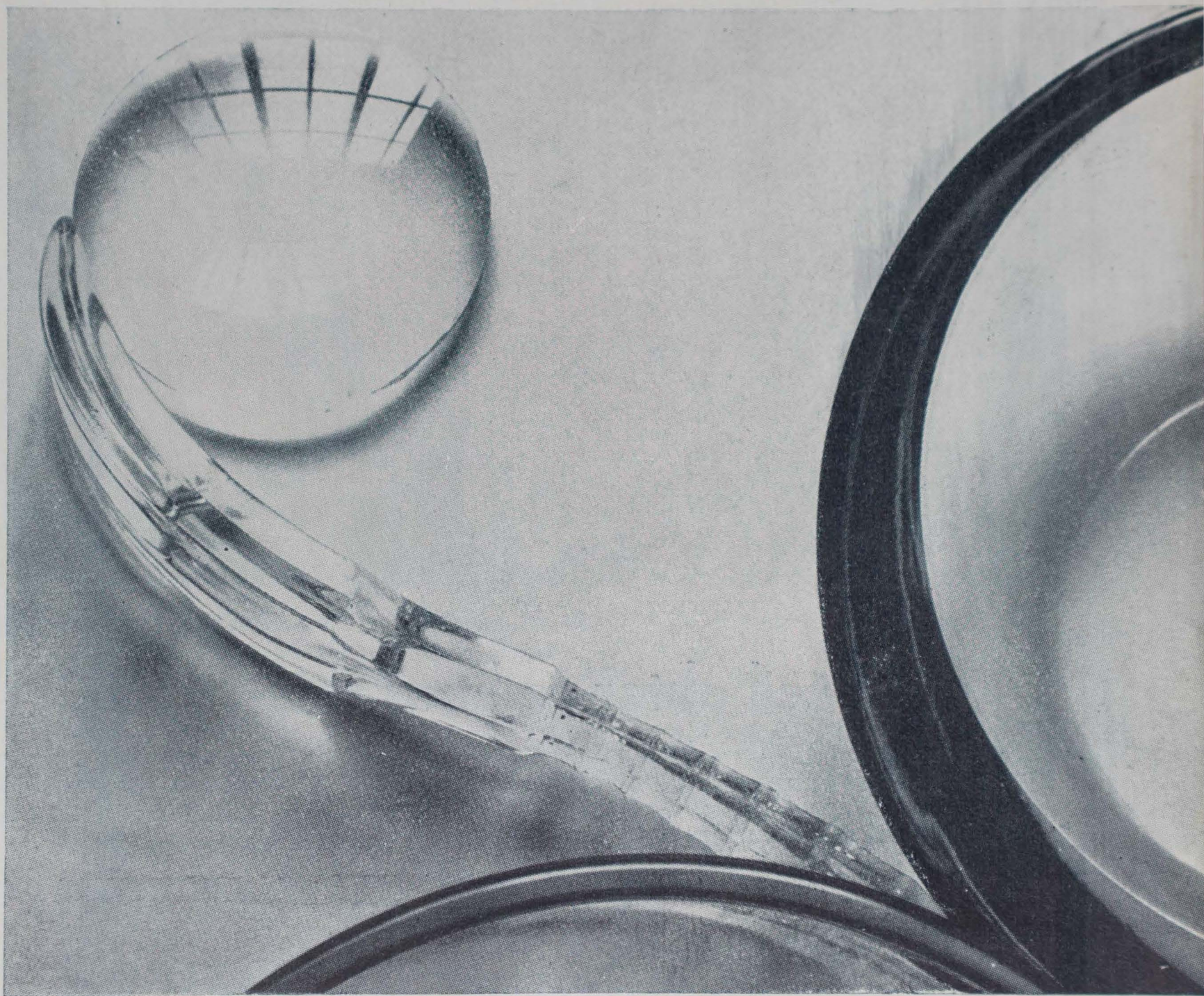
FCCB

Boletim

FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE

ANO IV — N.º 43

NOVEMBRO — 1949



"ANSIA DAS CURVAS"
F. Albuquerque



É fácil obter-se boas fotografias

Boas fotografias podem, sempre, ser obtidas conquanto empreguemos material de boa qualidade. É por isso que a maioria dos amadores e profissionais está dando preferência aos filmes "Anscó". Na próxima vez que adquirir filmes, não esqueça de pedir "Anscó". Em tipos "Plenachrome" (ortocromático), "Supreme" e "Superpan Press" (pancromáticos) e "Anscó Color" (para fotografias em cores naturais.)

"Capela" — Filme Anscó Supreme, f. 8, 1/100, filtro K2, revelado em grana fina, ampliado em papel Anscó Indiatone Kashmir Ivory.

ACERTE SEMPRE

USE FILMES

Anscó



FOTOPTICA

Foto · Cine · Otica

Foto · Cine · Otica

Temos para pronta entrega grande variedade de projetores sonó-
ros 16mm. — "Ampro", "Bell & Howel", "R. C. A.", "Victor",
"Revere", "Natco", "Devry".

— Consulte nossos preços e peça catálogos. —

	Cr.\$
Filmador PAILLARD BOLÉX H-16mm, com 3 objetivas, sendo Tele-Ivar 2,5 fóco 7,5, Switar 1:4 fóco 2,5cm, grande angular Ivar 2,8, fóco 1,5cm, com mala original, completo, por	16.187,00
Filmador KEYSTONE 16mm, modelo A-7, com objetiva cine-raptar 1,1,9 com 7 velocidades para filmes de 30ms	3.980,00
Filmador KEYSTONE, 16mm, modelo A-7 com objetiva Cine-Raptar 1,2,5 com 7 velocidades para filmes de 30 ms	2.980,00
Filmador KEYSTONE, modelo K-50 Magazin 16mm, com objetiva Cine-Raptar 1,9 fóco 2,5 cm, velocidade 8-16-24-64 com mala	6.420,00
Filmador KODAK 8mm, modelo 25, com objetiva Anastigmat 2,7 fóco 13cm	1.850,00
Filmador KODAK Magazin 8mm, com objetiva Anastigmat 1,9 fóco 13mm, velocidade 8-16-24-32 com mala	4.700,00
Filmador KEYSTONE 8mm, modelo K-36, com objetiva Raptar 3,5 fóco 3,5 velocidade 12-16-48	2.198,00
Projetor KEYSTONE, 16mm, modelo K-160, com objetiva Ilex, com lâmpada de 750 Watts, por	4.780,00
Projetor KEYSTONE 8mm, modelo R-37, com objetiva Ilex, com lâmpada de 300 Watts, por	2.350,00
Projetor PAILLARD BOLÉX G-8mm, corretél de 400 pés com lâmpada de 500 Watts, por	5.430,00
Projetor PAILLARD BOLÉX, modelo G-16mm, corretél de 400 pés com lâmpada de 500 Watts, por	5.430,00
Projetor PAILLARD BOLÉX, modelo G-16mm, braço grande para corretel de 800 pés, com lâmpada de 750 Watts, por	7.105,00
Projetor PAILLARD BOLÉX, modelo G-8, 16mm, braço grande para corretel de 800 pés, com lâmpada de 750 Watts, por	9.240,00
Última novidade, aparelho miniatura 24x36, BOLSEY, modelo B-35, com objetiva Wollensak 1.3,2 fóco 4,6, obturador Wollensak 1/10-1/200, com mala de prontidão, por	2.560,00
BELA BÓX, tamanho 6x9 ou 4,5x6, para filmes 120 ou 620, construção inteiramente de metal, com filtro embutido, com parasol, completo, por	180,00
RANGER CAMERA 6x9, com objetiva Ensar, Anastigmat 6,3 fóco 105mm, obturador Trikon 25, 50, 100, preço apenas	900,00
VOIGTLANDER - Super Bessa para 8 fôtos 6x9 ou 16 fôtos 4,5x6 com objetiva Heliar T.3,5 móco 10,5 com obturador Comp. Rápido 1.1/400, disparador automático, com mala de prontidão	5.100,00
VOIGTLANDER - Béssa, para 8 fôtos 6x9 ou 16 fôtos 4,5x6, com objetiva Color Scopar 3,5 fóco 10,5 cm, obturador Compur Rápido 1.1/400, com disparador automático e mala de prontidão	3.150,00
KINAX I, aparelho 6x9, com objetiva Kim 4,5 fóco 10,5 obturador Kinax 1/10-1/150, disparador automático, com mala	1.195,00
KINAX II, aparelho 6x9, com objetiva Berthlot Flor 1:4,5, fóco 10,5, obturador Kinax 1-1/350, disparador automático, com mala de prontidão	2.385,00

FOTOPTICA

RUA S. BENTO, 359 - TELEFONE, 2-4900 -:- RUA 7 DE ABRIL, 102 - TEL., 4-0788
CAIXA POSTAL, 2030 - End. Telegráfico: FOTOPTICA S. PAULO — SAO PAULO
ESCREVAM OU VISITEM-NOS — ATENDEMOS PELO REEMBOLSO.

ORGANIZAÇÃO
RECORDE

BELLELLI, GOTTLIEB & CIA. LTDA.
SÃO PAULO

— • —
TUDO

**SOBRE FOTOGRAFIA E
CINEMATOGRAFIA**

— • —
**LABORATÓRIO
PRÓPRIO**

— • —
**VISITE NOSSA SECÇÃO
ESPECIALIZADA**

— • —
**RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 204
FONE : 2-1584
SÃO PAULO**

LIVROS FOTO-TÉCNICOS

É Fácil Fotografar	65,00
Tudo sobre Exposição	20,00
Tudo sobre Focalização	20,00
Tudo sobre Filtros	20,00
Revelação do Negativo	20,00
Correção do Negativo	25,00
Ampliação do Negativo	20,00
A Câmara Miniatura e sua Técnica	70,00
A Cinecâmara e sua Técnica	120,00
Cartilha do Cinema	70,00
Revista IRIS (assinatura)	100,00
Tudo sobre o Instantâneo	25,00
Tudo sobre a Luz Artificial	25,00

Nas boas casas do ramo, livrarias
ou pela

Agência Editôra

— **IRIS** —

**RUA XAVIER DE TOLEDO, 140
9.º and. - Salas 8 - 8A - Fone 4-2139
Caixa Postal, 1704
End. Telegr.: ADIRIS
SÃO PAULO**

Peçam nosso catálogo ilustrado

Segurança Industrial

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS

FUNDADA EM 1919

CAPITAL REALIZADO :— Cr.\$ 4.000.000,00

SEGUROS :— Incêndio, Acidentes do Trabalho, Acidentes Pessoais, Ferroviários, Marítimos, Aeronáuticos, Automóveis, Roubo e Responsabilidade Civil.

Reservas Estatutárias e Extraordinárias até 31/12/48 — Cr.\$ 39.352.220,10

Sinistros pagos até 31/12/48 — Cr.\$ 247.663.390,60

PRESIDENTE

ANTONIO PRADO JUNIOR

MATRIZ : Avenida Rio Branco, 137 — (Edifício Guinle)

End. Telegr.: "SECURITAS" — RIO DE JANEIRO

SUCURSAL EM SÃO PAULO: Rua Boa Vista, 127 - 5.º andar - Prédio Pirapitingui

Telefones :— 2-3161 a 2-3165

J. J. ROOS — GERENTE - GERAL

A MAIOR GARANTIA EM SEGUROS

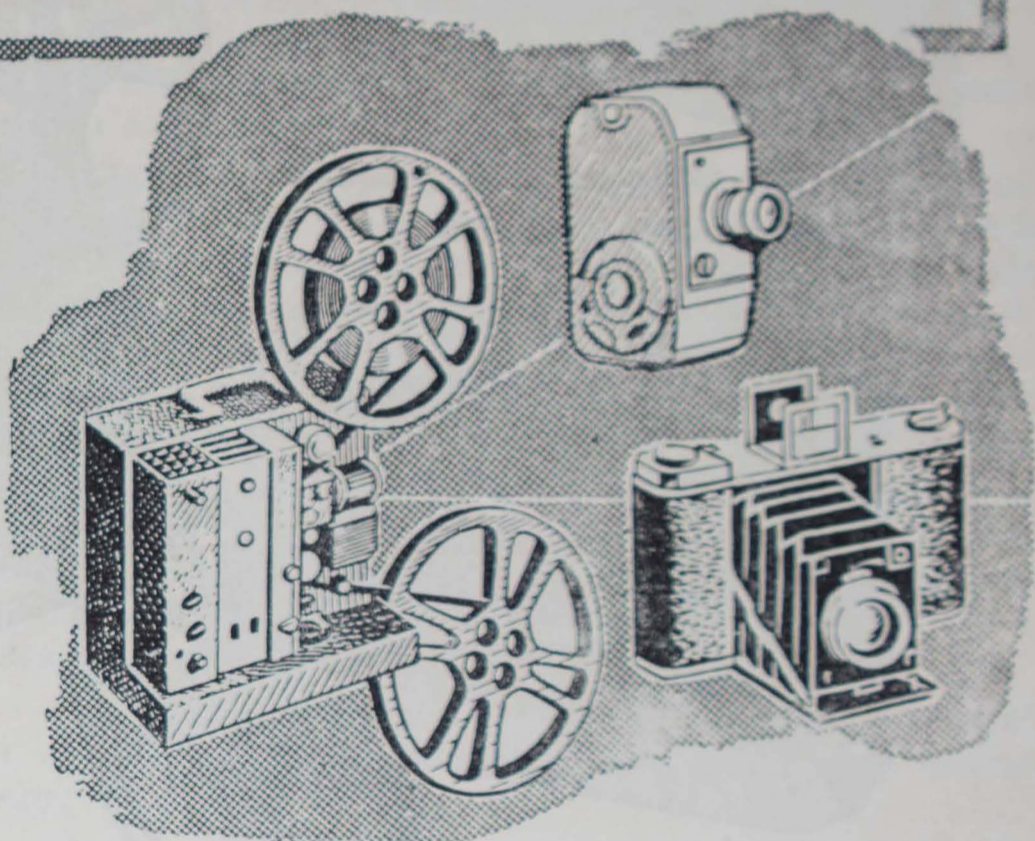


Meio Século de Tradição...

— servindo com a fidalguia do passado!

Às suas ordens a nova secção **CINE-FOTO**

Mais uma completa secção de CASSIO MUNIZ à sua disposição: CINE-FOTO! Na tradicional Loja de S. Paulo, o Sr. encontrará exatamente o que procura ou o que deseja oferecer como presente. Se são artigos cinematográficos ou fotográficos que o interessa, então visite a nova secção CINE-FOTO, que apresenta o que há de mais moderno e da melhor qualidade em: Projetores mudos e sonoros; Câmaras cinematográficas; Filmes para projeções; Acessórios e filmes virgens; Máquinas fotográficas; Revelações e ampliações, etc.



Durante o período de Festas

Todos os dias, das 14 às 18 horas, a nossa sala de cinema, dentro da Loja, exhibirá filmes infantis. Enquanto a Sra. faz as suas compras, pôde proporcionar à petizada uma divertida "matinée".

A Loja estará aberta diariamente até às 22 lis.

IMPORTAÇÃO

E COMÉRCIO

CASSIO MUNIZ S. A.

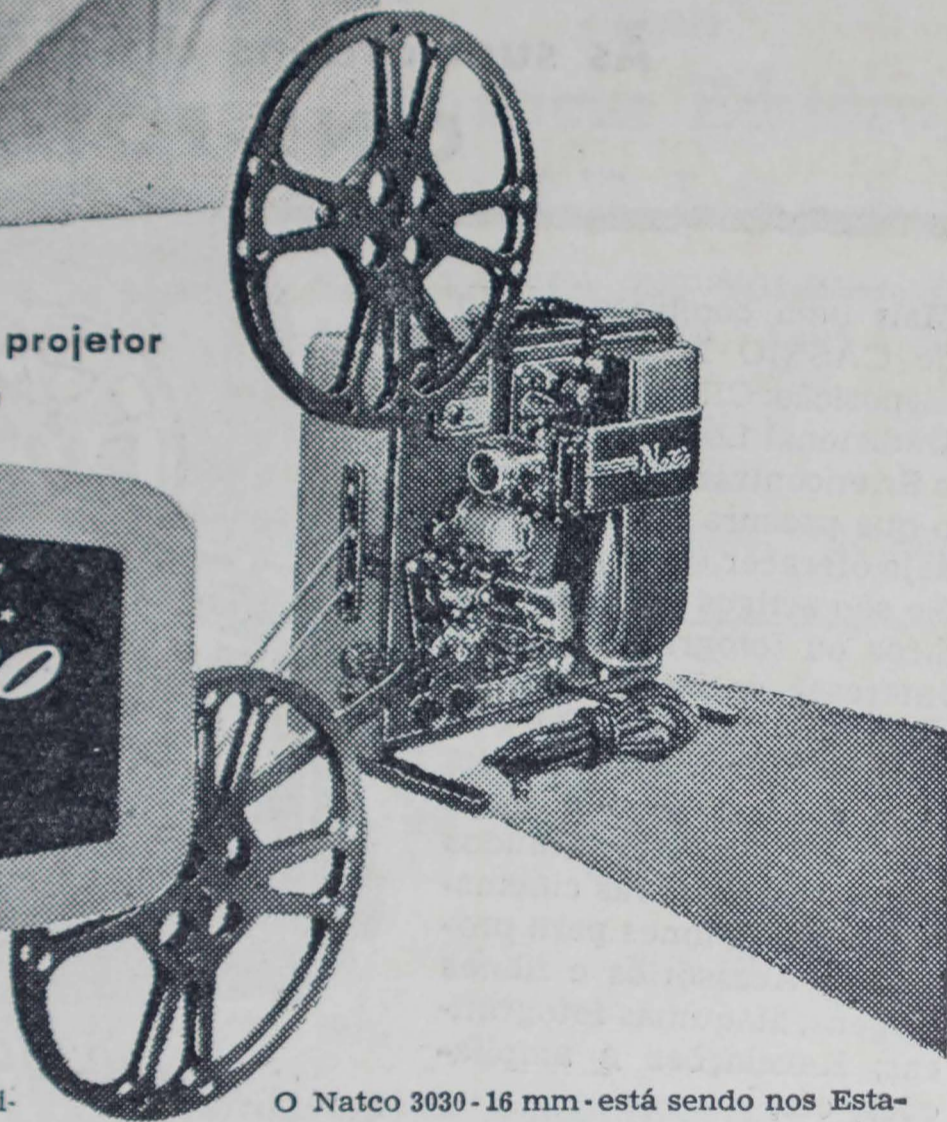
Praça da República, 309 - São Paulo

Ag. Pettinati



realismo -
emoção -
PERFORMANCE -

no mais perfeito projetor
sonoro do mundo



Nunca se esteve tão próximo da perfeição como neste novo modelo Natco 3030 - de tipo profissional, mas construído para o lar.

O Natco 3030-16 mm - está sendo nos Estados Unidos, o projetor sonoro 50 anos adiante de sua época. É maravilhoso! É extraordinário!

VEJA ESTAS CARACTERÍSTICAS:

Imagem e Som tão perfeitos como de um grande cinema. A mais absoluta simplicidade de manêjo - Novo sistema de resfriamento - Absoluta nitidez - Nova construção permitindo a mais alta eficiência, pelo mais baixo custo.

IDEAL PARA:

Escolas, Igrejas, Organizações Industriais e Culturais e para o cinema amador e profissional. Tem um custo tão reduzido que permite o uso no lar em ampla escala. Peça uma demonstração completa.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

**ENCONTRADO EM TÔDAS AS
BÔAS CASAS DO RAMO**

Cipan



**S. PAULO: RUA D. JOSÉ DE BARROS, 238 - TELEFONE 6-6913
RIO: RUA MÉXICO, 11 - 9º ANDAR - SALA 902**

FOTO-CINE CLUBE
BANDEIRANTE
BOLETIM

(Reg. n.º 254)

—x—

Diretor Responsável:

Dr. Eduardo Salvatore

Diretor de Redação:

Dr. Jacob Polacow

Diretor Comercial:

N. Kojranski

—x—

Redação e Administração:

**Rua São Bento, 357 - 1.º and.
São Paulo — Brasil**

FOTO-CINE CLUBE
BANDEIRANTE

•
Laboratório e Atêlier para
aprendizagem e aperfeiçoamento.

•
Sala de leitura e bibliotéca
especializada.

•
Excursões e concursos mensais
entre os sócios.

•
Participação nos salões e concursos
nacionais e estrangeiros

•
Intercambio constante com as
sociedades congêneres de todo o mundo.

•
DEPARTAMENTOS:

**Fotográfico
Cinematográfico
Secção Feminina.**

	Cr.\$
Joia de admissão	50,00
Mensalidade	20,00
Anuidade (recebida sòmente nos meses de janeiro a março de cada ano	200,00
Taxa extra mensal:	10,00

•
Os sócios do interior e outros Estados e da Secção Feminina gozam do desconto de 50%.

•
Séde Social:

**Rua Avanhandava, 316
Fone: 2-0937
S. PAULO — BRASIL**

A Nota do Mês

O homem é um ser racional dotado da faculdade de criar problemas. Para si e para os outros.

A que vem a consideração, nessa altura?

Surge do confronto entre a pacatez que reinava em passado recente e a febricitante atividade que se observa no "Bandeirante", nos dias que correm.

A mudança da séde para o palacete da rua Avanhandava permitiu ao F. C. B. proporcionar aos associados um novo padrão de vida clubística. Paulatinamente foram sendo criados mais encargos e tarefas, tanto para os Diretores, como para os associados: Seminários de Arte Fotográfica, nova modalidade de julgamento nos concursos mensais que se constituíram em verdadeiras aulas sòbre fotografia artística, concursos de transparentes coloridos, projeções cinematográficas, aulas, palestras, conferências e quanta coisa mais.

Resultado: em pouco tempo o "Bandeirante" tornou-se a Méca para todos aqueles que nesta Capital, se dedicam à Fotografia ou ao Cinema. Como consequência lógica, o seu quadro social vem aumentando espetacularmente e com isso a Diretoria encontra-se frente a um novo problema qual seja o de conseguir a completa identificação entre todos os associados.

A aproximação entre os novos companheiros e os veteranos, em comunhão salutar e num ambiente de absoluta camaradagem, é a tarefa em que se acha empenhada a Diretoria do F. C. B., no apagar das luzes deste ano aureo para a vida da Entidade.

Ventilando o assunto, desejamos também prestar a nossa colaboração nesta verdadeira campanha de camaradagem.

Por isso mesmo lembramos a cada sócio que a séde do Bandeirante é a sua própria casa, não devendo existir cerimônia entre aqueles que ainda não se conheciam mas que já se encontram ligados pelo élo de um ideal comum. No Bandeirante não há necessidade de apresentações. Todos são amigos, do momento que ingressaram para o quadro social.

Ao nosso lema de "camaradagem e companheirismo" devemos grande parte do êxito obtido até o presente.

Lembremo-nos, pois, que o Foto-cine Clube Bandeirante é, antes de mais nada, uma CASA DE AMIGOS.

O FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE, receberá com prazer a visita de todo e qualquer aficionado da arte fotografica, assim como responderá pelos seus Departamentos, a qualquer consulta que lhe fôr dirigida quanto ás suas atividades ou sobre a prática de fotografia e cinematografia amadorista. Outrosim, recebe, sem compromisso, colaboração para o seu Boletim sendo que as opiniões expendidas em artigos assinados, correrão sempre por conta de seus autores.

Toda correspondencia deve ser dirigida para a séde social do FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE - Rua Avanhandava, 316, S. Paulo, Brasil.

Arte Fotográfica em seus aspectos locais

J. Polacow — (F. C. B.)

O movimento de Arte Fotográfica tal como vem se apresentando no país, e especialmente em São Paulo, já não é mais passível de uma aceitação silenciosa. Existem aspectos a esclarecer e pontos a debater.

Ilógico é ignorarmos este surto tão surpreendente da caçula das artes plásticas, no momento mesmo em que se faz sentir a brisa renovadora sobre todos os setores da "intelligentzia" internacional.

Pouco nos importa que em alguns círculos hermeticos do intelectualismo indigena ainda se encare o artista-fotógrafo como criança brincando de gente grande. O tradicionalismo e o conservantismo são os alicerces do magestoso edifício da evolução. Lancemos as fiadas sobrepostas ao alicerce.

Certo e inegavel é que Arte Fotográfica vem atraindo, dia a dia, maior contingente de novos talentos que buscam, na câmara, o instrumento de auto-expressão mais afinado à época trepidante que vivemos.

Torna-se, assim, oportuno abordarmos, destas colunas, algumas facetas desse movimento, objetivando sua divulgação além do circulo de militantes ou daqueles que têm acompanhado mais de perto o surto artístico-fotográfico em nosso meio.

Público e Arte Fotográfica

Toda vez que falamos em Arte, estamos, implicitamente, considerando o seu maior ou menor potencial de influência sobre o público.

Ninguém faz poesia, literatura, música, pintura, escultura ou qualquer outra modalidade de Arte, apenas para deleite pessoal.

O verdadeiro artista age pela influência de duas forças caracterizadas: o anseio permanente de penetração profunda e sutil dos fatos e coisas da natureza e a necessidade incontida de transmitir, aos outros, os seus estados emocionais, utilizando-se da modalidade artística a que o levou o seu pendôr vocacional.

Assim o público é imprescindível, como abobada de ressonancia à sua força de criar e interpretar, tanto quanto lhe é indispensável "transmitir a mensagem", ou seja, descrever ou cantar em linguagem estética, o "bélo" que o cerca, que o inspira e o traz em permanente estado de inquietação e vibração.

A rigor, não deveríamos considerar o público como um todo, reagindo em unissono diante de uma obra de Arte, o que seria enquadrá-lo numa equação irreversível de

psicologia social. Está claro que não pode haver uma reação coletiva, senão individual e na justa medida em que cada um se identifica com o autor, através da obra.

Entretanto, levando em linha de conta certos fatores causais, que definem determinada estrutura social numa época e numa região, não constitue temeridade a busca de um denominador comum que conduza à constatação, se não das reações propriamente ditas, ao menos das possibilidades de influência e grau de interesse que certo ramo das Artes pode exercer sobre o que designamos de "público".

Sob este ponto de vista, não ha negar que a Arte Fotográfica, a despeito das suas confinações, como o figurativismo quase obrigatório que lhe impõem os sistemas óticos das objetivas, a ausência da terceira dimensão e da cor — tem a seu favor, o elevado grau de acessibilidade ao público, pela imediata identificação deste com os temas e motivos.

Um quadro fotográfico, quando realmente artístico, apresenta o dom de chamar a atenção sobre si, inicialmente, pelo simples arranjo dos valores plásticos que o compõem numa verdadeira ação de impacto. Na mecânica psicológica, poderíamos dizer que, por enquanto, foi despertada a curiosidade do espectador. Tal curiosidade o conduz, por uma tendencia natural, ao exame mais detido, provocando, assim, o seu interesse pelo tema ou motivo. Resulta, daí, o acordar das suas emoções básicas de admiração, sentimento, etc., na proporção da força ou do valor da própria obra.

Se considerarmos, pois, que a Arte é representada pela trilogia BELEZA, VERDADE e RAZÃO, reconheceremos que a fotografia artística possui o mérito inicial de conduzir o espectador diretamente ao tema, de um modo comodo, não lhe exigindo um estágio cultural preparatório ou elucubrações cerebrais de penetração e pesquisa. Alie-se esta propriedade à circunstancia de contar a Arte Fotográfica com possibilidades expressivas e interpretativas, por assim dizer, interditas a outros ramos artísticos, especialmente no setor das cenas de genero, realistas, ricas de movimento, que somente a rapidez centesimal do segundo pode fixar e perpetuar — e só ha que concluir pelo seu tremendo potencial de influencia sobre o público.

E' o que se pode constatar, de um modo objetivo, por ocasião da realização dos Salões de Arte Fotográfica. Para não ir-

mos mais longe, basta citar que o último certame realizado pelo Foto-cine Clube Bandeirante, na Galeria Prestes Maia, em fins do ano passado, atraiu perto de cem mil visitantes. Foi uma demonstração cabal do grau de interesse despertado no grande público por esse ramo das Artes que lhe fala tão de perto, numa linguagem familiar e acessível, onde cada qual compartilha das experiências do autor e se sente inteiramente à vontade para opinar e externar as emoções que lhe foram despertadas, sem receio de cometer heresias que provoquem risos superciliares dos iniciados.

Assumamos uma posição de prudência no atinente à controvertida questão do compromisso social das Artes, situando-nos entre os extremos. Nem nos parece caber a qualquer ramificação artística, o papel de tribuna política, exercendo uma influência dirigida, sobre as massas, nem devemos admitir a sua existência como um mundo à parte, intangível e divorciado dos anseios que convulsionam as populações. No meio-termo, reside a virtude.

Ainda assim é certo concluir que, presentemente, a Arte Fotográfica poderá influir de modo inegualavel, nas tendencias culturais e estéticas das coletividades, o que bem evidencia a responsabilidade que cabe, neste setor, aos artistas-fotógrafos.

Já criamos uma mentalidade artística para a fotografia ?

Não se discute mais se Fotografia é Arte ou não é Arte, pois sabe-se muito bem que a câmara fotográfica em si, não passa de um instrumento como outro qualquer — pincel, carvão, cinzel, etc..

Necessário é discernir se aquele que faz fotografia é ou não artista. Assim, o que existe, realmente, são fotógrafos artistas e meros fotógrafos.

A inexistência de uma linha divisória bem nítida, separando a fotografia artística da mera fotografia é o que ainda traz confusão no espírito dos menos avisados.

Postas as coisas neste pé, cabe à proposição inicial — se já criamos mentalidade artística para a fotografia — uma resposta clara, franca, sem ladear a questão: — não obstante o agrado que lhe causam as fotografias, conforme já acentuamos ainda não existe nas massas ou mesmo em alguns meios intelectuais, a devida compenetração de que se possa fazer Arte séria pelos processos fotográficos.

Aquele mesmo individuo que fala com respeito e quase unção, da música, da pintura, ou da escultura, apenas aceita com bonomia e tolerância, o trabalho do artista-fotógrafo. Qual destes últimos não terá passado pela experiência de mostrar a um "dilettanti" um trabalho que lhe custou meses ou anos de concepção, estudo, pesquisas e inúmeras tentativas de interpretação, para

ouvir, afinal, um "sim senhor, parabens; está uma verdadeira pintura"? E com isso acha o cidadão entendido em Arte que esgotou a adjetivação, obtendo do autor, um crédito de gratidão para o resto da existência.

Dificilmente o leigo aceita que se possa fazer um trabalho verdadeiramente artístico, num centésimo de segundo, empregando processos aparentemente tão técnicos e mecanizados. Como é possível isso se se levam tantos meses ou anos para pintar um quadro ou compor uma partitura musical?

Esta concepção errônea e inconsistente, é, infelizmente, a que predomina e somente um conhecimento mais profundo do que seja, realmente, a Arte Fotográfica, poderá destruí-la. Mas isto levará algum tempo.

Os conhecimentos do fotógrafo

Vejamos, muito por alto, como as coisas se passam :

Antes de mais nada, o fotógrafo tem necessidade de conhecer a ótica e a mecânica do seu aparelho, as possibilidades do material negativo e positivo e ainda a química dos agentes reveladores, etc.. Este é, apenas, o seu acervo técnico e o mínimo que se exige para alguém fazer uma fotografia documentária que se aproveite.

Além disso, deve conhecer profundamente as regras de composição pictórica e jogar com os valores plásticos, não como na pintura, mas de acordo com as próprias possibilidades do seu meio expressional, onde a luz é tudo e o assunto quasi nada. Isto constitue apenas o conhecimento artístico do "met-tier", mas que, de per si, não o habilita a uma realização de envergadura.

Capítulo importante é o conhecimento da luz em todas as suas variações e possibilidades, o que exige estudo e observação demoradíssimos, até que venha a senti-la como viva, tornando-se afeito aos seus caprichos e "esquisitices".

As características inerentes á sua Arte, exigem ainda do fotógrafo um acuradissimo poder de seleção que lhe permite discernir de pronto, as cenas e os assuntos, o modo de tratamento e as condições de iluminação, num lapso de tempo muito limitado, pois os recursos de interferencia posterior são mínimos. E' quando se sente a diferença fundamental entre a Arte Fotográfica e a Pintura. O esboço do fotógrafo é o negativo, no qual ele pode introduzir muito poucas alterações; assim, esse esboço deve apresentar o máximo de perfeição.

Tudo isto, para obter apenas o esboço que neste caso, é o negativo. Entre este e o quadro pronto para uma exposição, ainda ha uma estrada muito dura a percorrer.

De posse de todos esses conhecimentos, ninguem pode julgar-se ainda um artista, pois a Arte Fotográfica não é constituída por um receituário de botica, de manipulação certa e infalível, bastando aplicar meia

duzia de regras para se obter obra de mestre.

Atraz da câmara, deverá estar um temperamento verdadeiramente artístico, de apurado senso estético, que consiga transmitir suas emoções num simples retângulo de papel, onde tudo terá de ser dito entre o branco e o preto, de uma forma pessoal e inconfundível, original e sintética.

Como se vê, nem é tão simples, nem tão mecanizado.

Não nos é lícito, entretanto, clamar ou reclamar porque ainda não existe, entre nós, uma mentalidade artística, para a fotografia. Esta, realmente, nasceu sob o signo da rapidez, mas mesmo assim, não poderíamos esperar que, em tão poucos anos, já pudesse ombrear com as suas irmãs mais velhas, no que diz respeito a prestígio ou mesmo compreensão.

A mentalidade artístico-fotográfica será a decorrência da divulgação consciente do valor, do alcance cultural e social, do mérito e das possibilidades da Arte de Daguerre.

Nesta tarefa, muito cabe aos críticos de Arte que, confessemos, pouco têm feito, até agora. Não os culpamos, por isso, pois tudo é uma questão de tempo. Esperamos, tão somente, que a sua ajuda não se faça tardar.

Influência dos Salões Internacionais sobre os nossos Fotógrafos

Como é sabido, ha cinco anos vem o Foto-cine Clube Bandeirante promovendo na Galeria Prestes Maia, salões anuais de Arte Fotográfica, de caráter internacional.

Para se ter uma ideia do interesse que se conseguiu despertar para esses certames, no Exterior, basta citar que, do último Salão, participaram vinte e seis países, reunindo trabalhos dos mais renomados artistas de todos os continentes.

Assim, torna-se curioso proceder a um retrospecto comparativo.

Quando da realização do 1.º Salão Internacional, em 1944, sentia-se uma profunda diferença entre o padrão de qualidades dos trabalhos vindos do estrangeiro e dos fotógrafos nacionais, o que não era de estranhar, num primeiro confronto. Não quer isto dizer que todos os trabalhos dos primeiros fossem obras de mestre, mas de qualquer modo a diferença era palpável, salvo uma ou outra exceção.

Faltava aos nossos, aquele cunho de arrojo e realismo que tanto valorizavam os trabalhos do exterior, fosse na forma ou no conteúdo, na escolha do assunto como no modo de tratá-lo.

Os nossos quadros, si bem que na maioria, obedecendo a um arranjo criterioso e acadêmico, apresentavam-se estáticos. As paisagens, marinhas, ou cenas de gênero, ainda se mostravam tremendamente influenciadas pelas noções do pintoresco, tal como se

fossem pinturas monocromáticas de assuntos imobilizados. Mesmo no retrato, sentia-se arraigado o convencionalismo.

As possibilidades fotográficas, a serviço de uma Arte, ainda não haviam sido exploradas, senão no seu sentido primário. Era a pintura que ainda dominava a mentalidade dos nossos fotógrafos.

Assim, 1944 marcou uma etapa na Arte Fotográfica nacional. Dos "confrontos e paralelos" advindos no 1.º Salão Internacional, brotou o seu redescobrimento entre nós.

Começamos, então, a perceber que se poderia imprimir um cunho mais pessoal ao tratamento de cada assunto, descartando-nos do convencional e vencendo o temor de contrariar os canones de pictorialismo, tal como eram compreendidos na época.

Firmou-se a convicção de que pelos processos fotográficos, poder-se-ia empreender uma modalidade de Arte inteiramente diferente da pintura, dela se assemelhando apenas pela representação dimensional.

O estudo das variações do ângulo de iluminação descortinou novas possibilidades para o intencionalismo, facultando mostrar determinado assunto nos seus mínimos detalhes texturais ou como u'a massa opaca onde prevalece tão somente o desenho da sua silhueta, não excluindo, ainda, de apresentá-lo em todas as nuances intermediárias.

O ângulo de tomada passou a preocupar os fotógrafos como fator preponderante no melhor arranjo, pois as suas variações possibilitavam-lhes figurar e interpretar os temas fugindo inteiramente ao ponto de vista convencional. Assim, assuntos aparentemente banais transmutaram-se em manancial infindável de material pitórico. Por isso mesmo o fotógrafo não é mais o cavalete ambulante, sempre com o aparelho à altura do umbigo ou do nariz. Verdadeiras acrobacias lhe são exigidas e não raro é encontrado de ventre ao solo ou encarapitado num girau, em busca do melhor efeito.

Movimento, dinamismo, vibração, jactos de luz e pinceladas de sombra, eis o que nos ensinou a utilizar o 1.º Salão Internacional de Arte Fotográfica realizado neste planalto de Piratininga, no ano da Graça de 1944.

Outros salões vieram e, ano após ano, fomos constatando o aperfeiçoamento progressivo dos nossos fotógrafos, pois cada salão lhes trazia novo e variado material para estudo.

Regrazinhas foram sendo esquecidas e hoje ninguém mais se acanha de utilizar distorções óticas ou cromáticas intencionais, desde que as mesmas apresentem a solução de certos problemas plásticos. Hoje, aponta-se, cá de baixo, a objetiva para o capitel de uma coluna, pouco importando a lei da gravidade, uma vez que se consiga penetrar o sentido estético do assunto.

Devolvem-se, assim, à pintura, com o penhor da gratidão, os temas e assuntos que lhe haviam sido tomados de empréstimo,

atirando-se os fotógrafos, avidamente, àqueles que lhes eram predestinados, no Império da Luz.

Ao passo que a pintura, irmã mais velha, procura sofregamente renovar os seus encantos, tornando-se cerebral e usando de uma linguagem rebuscada (nem sempre acessível), a fotografia cativa a sua côrte de admiradores com os meneios de menina-moça, trefega e graciosa, mas já conciente da sua personalidade.

Não se infira daí que já tenhamos atingido o "climax". Longe disso. Adquirimos, tão somente, a auto-consciência das enormes possibilidades da fotografia como meio expressional.

Uma coisa, entretanto, é certa. No salão de 1948 não mais se verificou aquela distância entre o padrão de qualidade dos tra-

balhos estrangeiros e o dos nacionais. Isto evidencia o de quanto nos valeram as lições auferidas nos anos precedentes.

Como a Arte não tem fronteiras, nada justificaria a jactância de que os brasileiros se fizeram artistas-fotógrafos à sua própria custa, isentos da influência do exterior. Pelo contrário. O que nos tem sido proporcionado pelos Salões Internacionais promovidos anualmente pelo Foto-cine Clube Bandeirante, nesta Capital, constitui-se de uma valia inestimável para a formação de nossa mentalidade artístico-fotográfica.

O que é imprescindível é que estes certames sejam realmente prestigiados por todos aqueles que têm sincero interesse no aperfeiçoamento da nossa Arte Fotográfica e esperamos que assim aconteça.

O "CORREO FOTOGRAFICO SUDAMERICANO" E A NOSSA CAMPANHA PRÓ SÉDE PRÓRIA

Uma das características mais interessantes da fotografia, é a de irmanar nos mesmos anseios estéticos, povos das mais diversas regiões do globo. A Arte Fotográfica internacionalizou-se e desse modo tem contribuído para uma aproximação dos seus cultores, não contando distâncias nem fronteiras.

Agora mesmo vimos de receber uma prova eloquente de confraternização dos nossos amigos da Argentina, à frente dos quais se destaca a figura dinâmica e muito estimada de Alejandro C. Del Conte, Diretor do Correo Fotografico Sudamericano.

Trata-se de uma contribuição dessa prestigiosa Revista na Campanha empreendida pelo Foto-cine Clube Bandeirante para a aquisição de sua séde própria. Nesse sentido, Del Conte dirigiu uma carta ao nosso Presidente, que prazerosamente aqui repro-

duzimos, como edificante exemplo de singeleza e elegância:

"A. Del Conte saluda con la estima de siempre al distinguidísimo Presidente de Foto-cine Clube Bandeirante, Dr. Eduardo Salvatore, y le ruega aceptar la orden adjunta como contribución de la revista para la adquisición de la casa propia de la entidad. Y le ruega, también, que no tome en cuenta el monto de este aporte, sino el deseo que el mismo expresa de asociarnos al jubilo de los bandeirantes por la idea concretada, ejemplo magnífico para todas las entidades del género en Latinoamérica".

Esse cativante gesto da renomada Revista e seu extraordinário Diretor, sensibilizou sobremodo a todos os "Bandeirantes", dos quais o nosso Boletim se faz o porta-voz num sincero e cordial agradecimento.

★ Aperfeiçoe-se na arte fotografica, participando dos concursos internos do Clube ★

CARTAS DE WASHINGTON

José Oiticica F^o

NO AFA DE ATUALIZARMOS OS NOSSOS LEITORES COM OS ASPECTOS RECENTES DA ARTE FOTOGRAFICA NOS PAISES MAIS ADIANTADOS DO GLOBO, NÃO TEMOS POUAPADO ESFORÇOS E, GRAÇAS AO ELEVADO ESPÍRITO DE COOPERAÇÃO DO NOSSO CONSÓCIO JOSÉ OITICICA FILHO QUE SE ENCONTRA PRESENTEMENTE NOS ESTADOS UNIDOS, INICIAMOS NO PRESENTE NÚMERO A PUBLICAÇÃO DE UMA SÉRIE DE NOTÍCIAS QUE O MESMO NOS PROPORCIONARA MENSALMENTE.

Desde que aqui cheguei, em Agosto de 1948, era minha intenção escrever algo sobre as minhas impressões da vida fotográfica norte-americana. Mas o trabalho encontrado aqui no Museu foi maior do que eu esperava. E além do meu trabalho profissional, isto é, trabalho de pesquisa entomológica, procurei sempre manter em dia a minha contribuição aos Saloes de Arte Fotográfica, não só na América do Norte como em outros países. Assim, pouco tempo me sobra para coordenar as notas que possuo sobre minhas impressões da fotografia, como Arte, aqui neste interessante país.

Mas depois de um pedido, como o que recebi do nosso "notável" Palmério, em carta recentemente recebida, tive mesmo que dar um jeito e aqui vai a minha primeira "carta" para o Boletim. Peço, entretanto, aos colegas e amigos que desculpem as imperfeições do estilo e de conteúdo, pois serão cartas feitas às pressas, em horas que antes eram de repouso. Nestas cartas desejo apenas transmitir aos amigos e colegas as minhas impressões e observações do pouco que tenho visto e feito de Arte Fotográfica aqui na terra do Tio Sam.

Nesta primeira carta cogitarei das primeiras impressões e as primeiras impressões serão sem dúvida as que tive olhando e bisbilhotando as lojas de material fotográfico, logo que aqui cheguei. Bisbilhotando sim, pois aqui, na grande maioria das lojas, o freguês tem o material á mão. Pode pega-lo, ler os rotulos e comprar ou não. Tudo ao alcance das mãos, até, muitas vezes, as próprias máquinas fotográficas.

Tive, logo de saída, uma grande surpresa. As notícias que trazia eram de escassez de material. Vocês devem estar lembrados: "Até na América do Norte não há material", é o que diziam, e não sei se ainda ha por aí esta conversa. Pois meus amigos, duas coisas impressionaram-me muito aqui neste país: a abundancia de material, não só fotográfico, mas de qualquer natureza e também a rêde tremenda de estradas de rodagem de primeira qualidade que há por aqui. São dois fenômenos que impressionam e ante este progresso material indescritivel, cresce aos meus olhos o valor da nossa gente. Lu-

tando sempre contra a falta de material vocês aí do Bandeirante e os outros "crentes" do Brasil, estão fazendo uma obra que mais admiravel fica, quando um de nós a observa e contempla de longe, como eu o faço agóra. E eu fico a pensar: o que seria do Bandeirante com todas as facilidades que por aqui se encontram?

Lógo após a minha chegada á New York, em 20 de julho de 1948, procurei uma loja conhecida de nome, e assim visitei o Willoughby's. Fiquei realmente espantado. Nunca na minha vida vira tanto material fotográfico reunido e tudo á vista do freguês. E como o Willoughby's há lojas e lojas em New York. Filmes, principalmente os de rôlo para 35 mm., 120 ou 620, branco e preto ou em côr, podem ser encontrados, como eu os encontrei, em qualquer cidadezinha dos Estados Unidos. E isto espanta, porque fico as vezes perguntando a mim mesmo: qual a necessidade do mercado externo para a Kodak, a Ansco e outras fábricas ante o colossal consumo interno?

As máquinas de segunda mão, cujos preços vocês vêm aí anunciados na Popular Photography, American Photography e outras revistas norte-americanas, existem realmente e os preços são os anunciados, ao contrário do que me diziam, serem os preços apenas para inglês (no caso americano) vêr. Nada disso e elas são, na maioria das vezes, bem novinhas!

Aqui em Washington, cidade relativamente pequena, com menos de 1 milhão de habitantes, existe também grande abundancia de material e quando alguma mercadoria não existe em estóque, lança-se mão do notável Correio norte-americano. E' só fazer um pedido: "put an order", como dizem por aqui, e o material aparece na certa, em alguns casos em menos de uma semana. Em qualquer loja aqui em Washington, pequena cidade como já disse, impressiona a quantidade de material a côr, não só para transparencias (ou diapositivos ou "slides") como para provas a côr em Printon, Dye Transfer, etc.. Por falar em côr, penso que na próxima carta tratarei deste assunto com mais pormenores.

Infelizmente os meus afazeres e os pou-

Cont. na pág. 27

VIII Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo

439 autores com 1.386 trabalhos inscritos

179 autores admitidos com 288 trabalhos.

Ultimam-se com o entusiasmo de costume, os preparativos para a inauguração, dentro de pouco tempo, do VIII Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo, hoje considerado como o mais importante certame, no gênero, da América do Sul.

A séde social apresenta, por isso, aquele aspecto característico que antecede as grandes datas do Clube. Desdobram-se diretores e associados para que o VIII Salão seja condignamente apresentado; montam-se, cuidadosamente, os trabalhos; revê-se as molduras; expede-se a comunicação aos concorrentes, dos resultados por eles obtidos; estuda-se o bonéco do catálogo. Enfim, trabalha-se arduamente para que a próxima mostra marque mais um acontecimento de relevo nos anais "bandeirantes".

Os trabalhos de seleção

Como anunciamos no último Boletim, o VIII Salão registrou um total de 439 autores inscritos com 1.386 trabalhos, provenientes de 30 paizes, ou seja, a maior concorrência até hoje verificada.

Era de prever-se, portanto, que com tão elevado número de trabalhos, a tarefa de selecionar para a exposição os que reunissem maiores qualidades artísticas, seria sobretudo difícil e trabalhosa.

De fato, durante vários dias, trabalhou com dedicação inextinguível, o júri do Salão, composto pelos renomados e conhecidos artistas-fotógrafos patricios, Angelo F. Nuti, Dr. Eduardo Salvatore, Francisco A. Albuquerque, Dr. Jacob Polacow e Dr. José V. E. Yalenti, todos eles, nomes internacionalmente acatados e portadores de valiosos laureis.

E com a acertada orientação de elevar sempre mais ou, pelo menos, manter o alto nível artístico já alcançado pelo Salão de S. Paulo, após cuidadoso estudo de cada uma das fotografias inscritas e várias revisões



Flagrante colhido durante os trabalhos do júri de seleção do VIII Salão, por ocasião da visita feita ao Clube, pela reportagem da "A GAZETA".

para bem aquilatar o nível de conjunto, terminou o júri por admitir 288 trabalhos, de 179 autores, sendo que 110 autores são do estrangeiro, com 164 trabalhos e 69 do Brasil com 124 fotografias.

Teremos, portanto, com o VIII Salão Internacional, uma das mais esplêndidas mostras de fotografia artística já realizadas no Brasil e em S. Paulo; uma demonstração plena e cabal de que a fotografia é arte e arte das mais difíceis, para a qual se exige mais, muito mais do que o simples "apertar do botão", mais do que conhecimentos puramente técnicos; mas acima de tudo, dotes de espírito, temperamento e personalidades verdadeiramente artísticas.

E, pelo que pudemos colher num relance, da relação dos trabalhos admitidos que estava sendo elaborada, lá estarão, entre muitos outros, no VIII Salão, artistas fotógrafos do quilate de Marcus Adams, Karl Pollak, H. R. Thorton e S. D. Jouhar da Inglaterra; Annemarie Heinrich, Mercedes Aicher, Humberto Zappa, Angel Coggiola, Hugo Kalmar, Jorge Friedman, da Argentina; Ludwig Schuster da Alemanha; Angel F. de Moya e Jorge Figueiroa, de Cuba; Mario Pinto, Silva Nogueira e Rosa Casaco, de Portugal; Edwar Alenius, Eleanor Parke Custis,



Os consócios Mario Fiori e Masatoki Otsuka, foram dois dedicados auxiliares do júri do VIII Salão, e mal terminados os trabalhos de seleção, tomaram a si a tarefa da montagem das fotografias admitidas. — No clichê ao lado, os dois esforçados “bandeirantes” exemplos de espírito associativo e de coleguismo.

Frank R. Fraprie, John Magee, Max Thorek, Allan Horvath e Jack Wright, dos Estados Unidos; R. Spindelhofer e Rudolf Sulke, da Austria; Trond Hedstrom da Finlândia; Maurice Van de Wyer, F. Bekaert e J. Borrenbergen, da Bélgica; C. J. Schaepmam da Holanda; Andor Angyalfi, Ferenc Csik, Karoly Kovacs, Bela Bartho, da Hungria; Kanti Patel da India; Vincenzo Balochi, Pietro D'Andréa, Bartolomeo Gaidano, Gualberto Marani, Mario Vittone. Oscar e Italo Rainato, Mario Righetti, Vittorio Zammarano, da Itália; José Canals French, Mercelino E. Mestres, da Hespanha; Henri E. Lièvre da França; e da China, que pela primeira vez concorre ao nosso Salão, veremos trabalhos de Wing C. Wong, Francis Wu, Chum-Sam Tsoi, e tantos outros cuja enumeração não cabe aqui nestas breves anotações.

Dentre os nacionais, anotamos Francisco Aszmann, Julio Agostinelli, Mario Pinto de Almeida, Gaspar Gasparian, Francisco B. M. Ferreira, Plinio S. Mendes, Fernando Palmério, Ademar Albuquerque, Jean P. Liechty, Geraldo de Barros, Mario Fiori, M. Laert Dias, Arnaldo M. Florence, Thomaz J. Farkas, Carlos F. Latorre, Rodolfo Freudfeld, Kazuo Kawara, German Lorca, Manoel Morales Fo., Guilherme Malfatti, Barbara Mors, José Oiticica Fo., Masatoki Otsuka, Nelson S. Rodrigues, Aldo Souza Lima, Asterio Rocha, Alfio Trovato, Luiz Vaccari, Roberto Yoshida, etc., etc..

Não temos, portanto, dúvida em afirmar que o VIII Salão Internacional de Arte Fotográfica de S. Paulo atrairá, novamente, para a Galeria “Prestes Maia” centenas de milhares de visitantes, assinalando, assim, mais um expressivo êxito para o Foto-cine Clube Bandeirante, a entidade de amadores que tornou conhecida de todo o mundo, a arte fotográfica brasileira.

ALBERTO GUANABARINO

MAIA FORTE

Perdemos, em Outubro passado, o nosso bom companheiro e velho amigo Guanabarino, cuja morte abriu uma lacuna insubstituível.

A infausta notícia foi recebida pela família bandeirante com profundo pesar, causando grande consternação.

Alberto Guanabarino Maia Forte, filho de tradicional família do Rio de Janeiro, soube sempre honrar o legado de tradição recebido dos seus maiores e grangear a estima e o bem querer de todos quantos com ele privaram em vida.

Dotado de espírito associativo invulgar, emprestou durante anos seguidos o brilho da sua inteligência e operosidade à Sociedade Fluminense de Fotografia, da qual foi um dos fundadores.

Inúmeras eram suas relações de amizade entre os associados do F. C. Bandeirante para com os quais, ainda recentemente, teve um gesto de muita simpatia, ofertando uma miniatura colorida de sua autoria para um sorteio entre as componentes do nosso Departamento Feminino.

Registrando o passamento de Alberto Guanabarino Maia Forte, consignamos aqui os nossos votos de pesar, inconformados pelo golpe que brutalmente nos feriu.

AS FOTOGRAFIAS DO MÊS

Sob a epígrafe acima, o Boletim reproduzirá todos os meses, algumas das fotografias que melhor classificação obtiverem nos concursos internos do Clube, nas várias categorias em que se dividem os concorrentes.

Ilustram este número, trabalhos apresentados no concurso relativo ao mês de Outubro.

As Fotografias do Mês

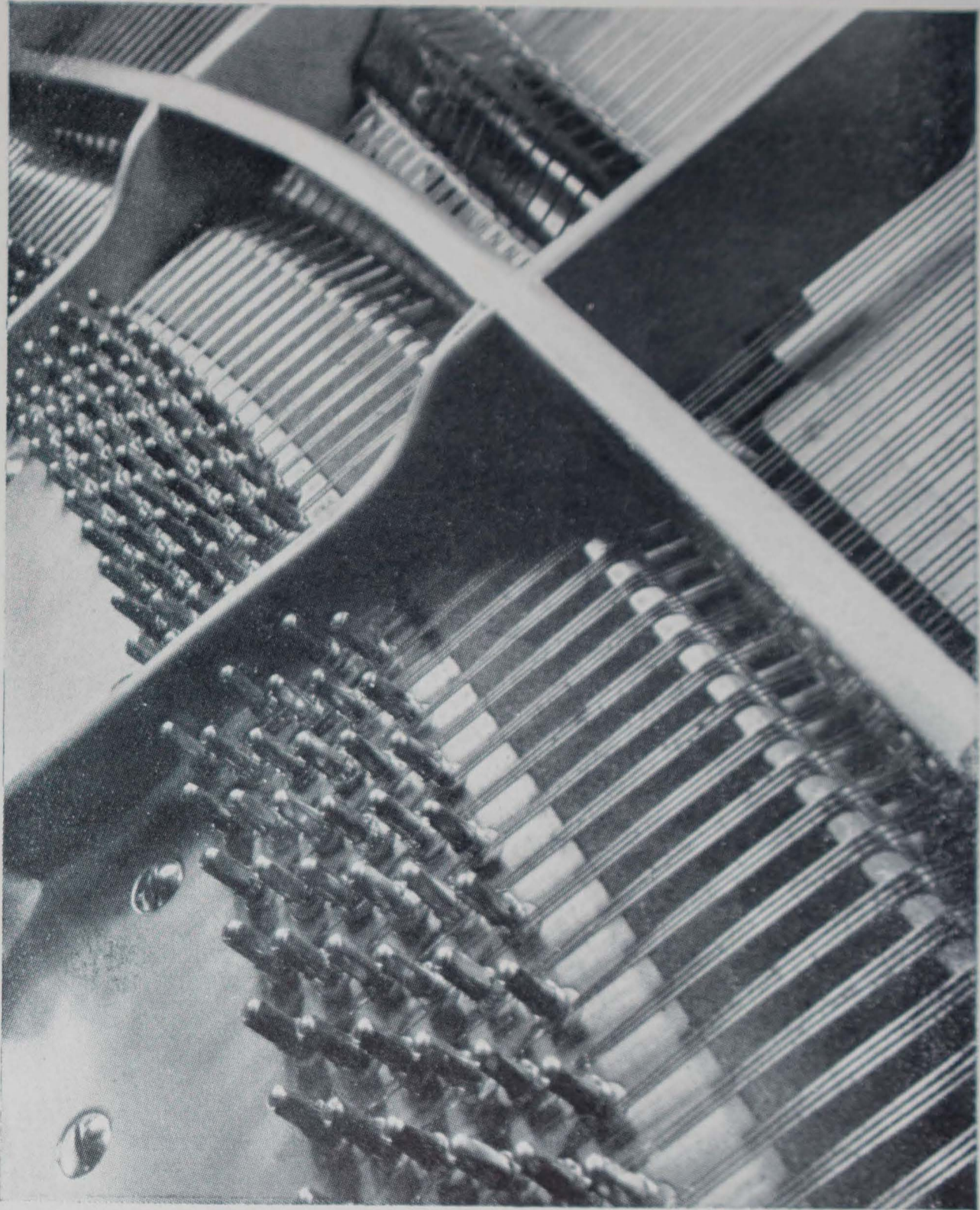


"FABRICAÇÃO"
Roberto H. Yoshida

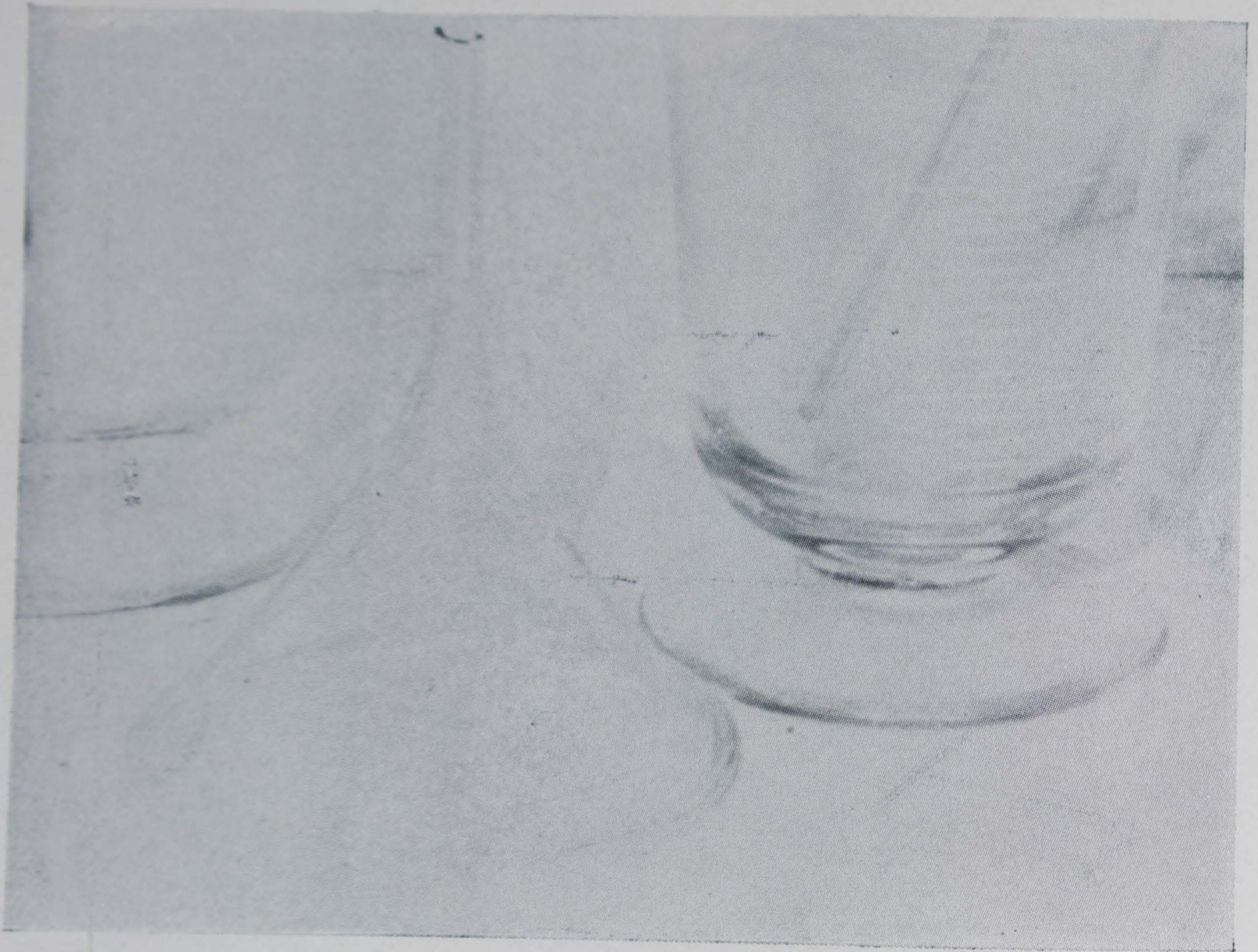


"JARRA E COPO"

German Lorca



"ESTUDO"
Hercules A. Perna



"COMPOSIÇÃO EM BRANCO"

Sergio Trevelin

4.º SEMINÁRIO DE ARTE FOTOGRÁFICA

Com a afluência que bem demonstra o quanto esta nova atividade do Foto-cine Clube Bandeirante está despertando o interesse dos aficionados da arte do branco e preto, realizou-se em meados do corrente mês de novembro, na séde social, mais um seminário de arte fotográfica.

Não ha a menor dúvida estar plenamente vitoriosa esta iniciativa que vem proporcionar aos "bandeirantes", valiosos elementos de ilustração e orientação, mercê das discussões que se travam entre os presentes, seja na análise das qualidades ou defeitos das fotografias em estudo, seja no tocante aos inumeros e variados problemas artísticos que interessam de perto á fotografia.

Assim, o último seminário, que foi dirigido com a perspicacia que lhe é peculiar, por nosso companheiro Jacob Polacow o qual, habilmente, soube provocar entusiásticos e interessantes debates como, por exemplo, o que se travou entre Geraldo de Barros, Eduardo Salvatore e Francisco B. M. Ferreira sobre o livre arbitrio na composição fotográfica, discussão da qual acabaram participando quasi todos os presentes.

Comprovam ainda essas reuniões — coisa que muito nos satisfaz e folgamos em registrar — que não se limitam os associados do Clube simplesmente a "bater chapas", com maior ou menor felicidade, como, talvez, poderão pensar muitos dos que não privam com o Clube. Muito ao contrário, dedicam-se muito sériamente á fotografia, encarando-a não como simples passatempo, mas estudando-a e cultivando-a como verdadeira Arte que é, preocupando-se com os múltiplos e variados problemas que interessam ás Artes em geral e em particular á Arte Fotográfica, cientes de que sòmente com esses conhecimentos e com uma sólida cultura artística poderão aprimorar e desenvolver aqueles dotes artísticos inatos que os levaram a escolher a máquina fotográfica como instrumento para exprimirem seus sentimentos e suas emoções estéticas.

Damos a seguir um resumo dos debates, colhido por nosso companheiro Manoel Morales Fº., que dará aos que não puderam assistí-lo, uma pálida idéia de como decorreu o 4.º Seminário.

4.º SEMINARIO

Orientador: Jacob Polacow

Anotações: Manoel Morales Fº.

1.º Trabalho — "Na janela"

Autor — GERALDO DE BARROS

Técnica — Ap. Rolleiflex c/ Tessar 4,5 — 5 minutos de exposição — filme Ansco Supreme, filtro vermelho — como diafragma usou um cartão com um furo de alfinete.

ORIENTADOR — Quando usou como diafragma um cartão perfurado, diminuindo assim o diafragma da máquina, o fez como simples curiosidade ou sabia, préviamente, qual seria o resultado?

AUTOR — Havia lido sobre o assunto e sabia, portanto, que embora ganhando profundidade, não obteria nitidez em nenhum ponto da fotografia, ou melhor, em nenhum plano. Ao executar a fotografia em estudo, julgou oportuno aplicar esse método, não só para uma experiência prática, mas porque sua intenção éra justamente essa, afim de fugir um pouco ao têmea do concurso interno ao qual foi apresentada — "Cristais e metais", — pois que o mesmo lhe parecia mais técnico do que artístico.

ORIENTADOR — Esclarece que não se pedia simplesmente o rendimento dos cristais ou metais, mas sim, composições com objetos feitos daqueles materiais, envolvendo, portanto, o têmea proposto, como todos os têmeas prefixados, problemas técnicos e artísticos. Solicita ao autor diga á casa qual o seu modo de pensar: si é preferível deixar que os associados se guiem pela própria intuição ou se deveria ser feito um esquema explicativo para cada têmea fixado?

AUTOR — Julga que deve-se deixar a cada um interpretar a seu modo o tema prefixado, pois assim poder-se-á melhor aquilatar da força creativa de cada autor; o contrário, como p. ex. no caso do tema em questão, levaria apenas a soluções puramente técnicas.

ORIENTADOR — Nesse caso o pensamento do autor é de que o artista deve ser absolutamente livre?

AUTOR — Sim; todo artista deve ser completamente livre, tendo compromissos apenas consigo mesmo.

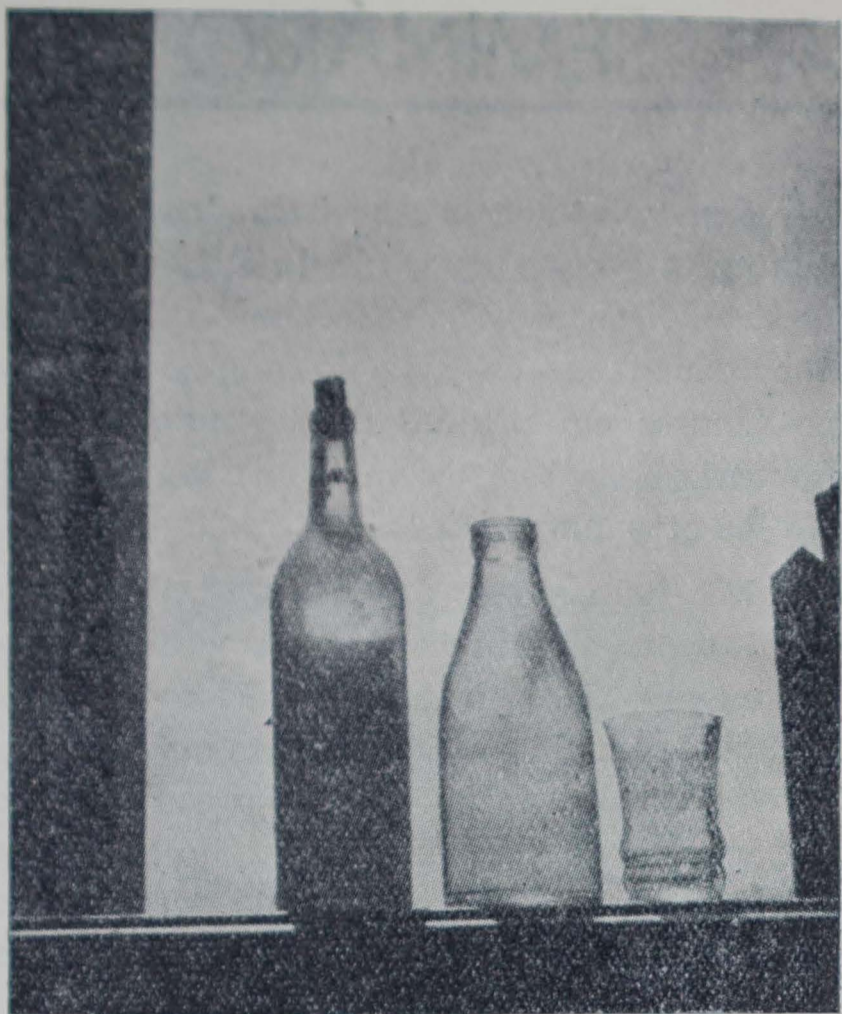
ORIENTADOR — Discorda do autor, pois julga que o artista tem compromissos bastante fortes não apenas para consigo mas para com os outros, ou melhor, com o público. Nenhum artista prescinde de público — por público entendendo-se o número de pessoas a quem a obra é exibida, pouco importando a qualidade e o artista deve se fazer entender numa linguagem a mais simples possível.

AUTOR — Mesmo assim, o artista não deve ter compromissos nem sujeitar-se a regras algumas, dando livre expansão ao seu íntimo seja na escolha do assunto seja na composição do mesmo.

MARTINS FERREIRA — Discorda; toda arte rege-se por certos princípios e mesmo fazendo arte, simplesmente por intuição, não se pode abandoná-los totalmente.

E. SALVATORE — Discorda também do autor. O artista, embora pareça livre, na realidade está preso às regras de composição. Destas, ha uma da qual nenhum artista se livra, ou seja a regra primordial: a de dispor os elementos que entram na fotografia de forma agradável a vista. Esta é a mais elementar regra de composição, e mesmo não se prendendo a nenhum esquema predeterminado, o artista automaticamente e instintivamente a segue, ao procurar o melhor arranjo para seu quadro.

As regras de composição nasceram pela observação repetida de que um determinado arranjo dos elementos do quadro, produz melhor efeito do que o arranjo desordenado, sem lógica, sem equilíbrio, etc., etc.. Não quer dizer que antes de executar um quadro, o artista deve esquematizar a qual tipo de composição deve obedecer, mesmo porque a composição é determinada pelo próprio assunto. Mas o que acontece é que, co-



“NA JANELA”

Geraldo de Barros

nhecendo as regras de composição, tem o artista facilitada a sua tarefa e depois, pelo habito, emprega-as, por assim dizer, inconscientemente.

ORIENTADOR — Confirma a tésse de Salvatore. As regras de composição são antes uma consequência do que uma causa. Nasceram da coincidência de todos os quadros terem seus pontos fortes em determinados lugares. Isso fez com que os artistas estudassem o porque dessa coincidência e daí nasceram as regras que regem, embora intuitivamente, todos os artistas. Julga o conhecimento das regras fundamentais de composição absolutamente necessárias e não vê nenhum perigo em esquematizar e ensinar tais regras.

AUTOR — Julga que ha perigo; o perigo de escravizar o artista a regras e mais regras, provocando a falta de personalidade.

E. SALVATORE — Contesta. Desde que o artista tenha personalidade própria, não ha o perigo de se escravizar a regras predeterminadas. Elucida com o próprio trabalho em estudo, no qual o autor, mesmo pensando ser absolutamente livre, compoz o seu quadro dentro das regras de composição e equilíbrio.

O seu livre arbitrio não o levaria, p. ex., a deixar uma das garrafas suspensa no ar...

NELSON RODRIGUES — Voltando ao trabalho discutido, notava que o autor conseguiu traduzir um ambiente bastante pobre já pela pouca definição dos objetos, já pelas luzes que foram bem empregadas, evitando detalhes nas sombras, no que o autor foi bem feliz.

G. LORCA — Não lhe parece boa a composição, em virtude das duas massas escuras preponderantes; na sua opinião o autor deveria eliminar a menor, á direita do quadro.

Sra. MENHA POLACOW — Discorda do Sr. Lorca; procedendo-se como sugere o mesmo, o trabalho se tornaria uma simples fotografia de garrafas, não sugerindo o ambiente que é o que lhe dá valor. Julga necessária a pequena massa escura, para dar maior equilíbrio ao quadro e mesmo para completar a idéia que levou o autor a executá-lo.

PLINIO S. MENDES — Apoia a opinião precedente e acrescenta que sem isso o trabalho ficaria uma "sinfonia inacaba"...

AUTOR — Confirma que sua intenção não foi fotografar os objetos, mas através dêles sugerir um ambiente.

F. ALBUQUERQUE — Julga que a moldura formada pelas duas massas discutidas, é ainda fraca para sugerir o ambiente a que o autor se propoz.

É discordado por Da. Menha Polacow, Salvatore, e outros, cruzando-se as opiniões, na maioria favorável ao autor, com o que o orientador dá os debates por encerrados.

2.º Trabalho: "Composição"

Autor: Francisco A. Albuquerque

Técnica — Ap. Linhoff-Técnica — obj. Ektar de 20 cts. — F. 32 — Filme Super XX — revelador DK-20 — ampliação em Vitava Opal, revelado em D. 52 — Fundo branco, com luz natural.

ORIENTADOR — Teve dificuldades para fazer o trabalho?

AUTOR — Sim. Tentou varias posições dos objetos sem, entretanto, conseguir o que pretendia, quando encontrou a fórmula desejada conforme se verifica do trabalho em exame.

E. SALVATORE — Solicita que o autor explique, primeiramente, o que desejava exprimir com aquele trabalho.

AUTOR — Declara que desejava apenas fazer uma composição com linhas curvas — "estava com ansia das curvas" — tanto que fez outras composições, na mesma ocasião, com a mesma idéia; confessa que ainda não está satisfeito de todo com a composição realizada, pois após ter dispendido grandes esforços, sente que ainda não conseguiu a harmonia desejada de linhas e curvas que era o seu objetivo, dentro do retangulo de papel. Explica também, que não procurou retratar os objetos de que se serviu, mas evitar mesmo, tanto quanto possível, a sua identificação, servindo-se apenas das linhas por eles formadas.

PLINIO S. MENDES — Julga que o autor foi feliz em seu objetivo, pois o trabalho é harmonioso em seu todo e a disposição dos objetos equilibrada. A única dúvida que tinha era justamente a identificação dos objetos, mas o autor declarou que não desejava identificá-los através do quadro e confessa que embora tenha procurado descobrir quais seriam não o havia conseguido até o momento.

AUTOR — Para a composição empregou os seguintes objetos, todos de cristal: um cinzeiro, com bordos escuros e duas lentes; fez com que nas lentes se refletisse a esquadria da janela para obter os traços em vertical que se vêem dentro das mesmas.

S. TREVELIN — Quer lhe parecer que houve excessos de linhas no trabalho em apreço, perturbando um pouco a composição. O efeito lhe pareceria melhor, si fosse mais simples.

A. ROCHA — A seu ver, o trabalho está equilibrado, pois embora pareça haver excesso de linhas não cansa a vista.

ORIENTADOR — Resume os debates, salientando a preocupação do autor de fazer uma composição abstraindo-se dos objetos que a compõe para obter apenas um jogo de linhas e efeitos de luz.

3.º Trabalho: "Jarra e copo"

Autor: German Lorca

Técnica — Ap. Rolleiflex, Tessar 1:3,5 — filme Ansco Supreme, revelado em DK-20 — Diafragma a 8, com 1 minuto de exposição — Luz artificial.

ORIENTADOR — Pede que o autor exponha quais as preocupações que teve ao executar o trabalho e como procurou resolvê-las.

AUTOR — Ao conceber o quadro, não visou propriamente a plástica dos objetos de que se servira, nem o rendimento do cristal, preocupando-se mais com o contorno, com o desenho, dos mesmos, numa quasi silhueta. Sua preocupação foi portanto mais os efeitos de luz e afim de obter o que desejava, iluminou o fundo com um "spot", de maneira a que a luz se tornasse gradualmente menos intensa na direção das margens superiores do quadro. Acentuou ainda esse efeito, ao ser executada a ampliação, com as proteções de todos conhecidas.

F. ALBUQUERQUE — Julga que o autor não teve maiores preocupações com a composição, que lhe parece demasiado simples, parecendo mais um trabalho de finalidade comercial — de catálogos de publicidade — do que com finalidade artística, eis que todo o trabalho se resolveu numa questão puramente técnica, qual seja a iluminação.

G. BARROS — Discorda de Albuquerque. Embora o trabalho seja simples, singelo, traduz o que o autor se propoz a fazer, segundo ele próprio esclareceu. Ao julgar um trabalho devemos procurar nos integrar e penetrar na intenção do artista, e não julgá-lo pelo que nós faríamos

com os mesmos objetos. Quanto ao trabalho em apreço, parece-lhe bom, "gostoso" de se olhar, tanto pelo jogo de luz como pela tonalidade da cópia.

ORIENTADOR — Confirma a opinião de G. Barros no tocante ao esforço que o julgador deve fazer para se identificar com a intenção do artista ao examinar e analisar o quadro. O quadro em apreço, impressiona justamente pela simplicidade, coisa essencial na arte fotográfica e que o autor logrou realizar. A iluminação, também, parece-lhe das mais felizes, pois foi justamente por ela que o autor fugiu a um trabalho puramente documentário, a uma simples e banal fotografia de jarra e copo, sem qualquer valor artístico.

Salienta ainda a ótima impressão causada pelo último concurso do qual foram tirados os trabalhos em exame neste seminário, exatamente pelo esforço feito pelos concorrentes para, servindo-se dos objetos de cristal ou metal, fugir á fotografia documentária, utilizando-se dos mesmos para criar efeitos de luzes, ou de formas, mesmo a custa da não identificação dos objetos. Esforço bastante louvável e que deve ter proporcionado aos concorrentes inúmeros e valiosos ensinamentos. E, com essas palavras, devido ao adiantado da hora, dá por encerrado o 4.º seminário de arte fotográfica.

TAÇA "SIMPATIA"

Conforme comentamos num dos últimos Boletins, a Sociedade Fluminense de Fotografia, num gesto dos mais cativantes, instituiu a "Taça Simpatia", para ser conferida, por votação popular, ao trabalho que mais agradasse, dentre os da representação bandeirante á 1.ª Exposição Mundial de Fotografia, promovida pela prestigiosa entidade de Niterói.

Os trabalhos aceitos pelo juri, ficaram expostos na séde da Fluminense, durante vários dias e, encerrada a exibição, foram computados os votos, resultando vencedora a fotografia "Zilda", de nosso consócio Carlos F. Latorre, com 19 pontos. Com efeito, é uma linda fotografia, que reúne excelentes predicados, a todos agradando e, aliás, quando de sua primeira apresentação no último Salão bandeirante, classificou-se na enquete popular que então promovemos, em segundo lugar, tendo também obtido o prêmio "ao melhor retrato" no Salão de Tres Arroyos, Argentina, em 1948. Está, portanto, Latorre, de parabens, mais uma vez.

I CONCURSO CINEMATOGRAFICO NACIONAL PARA AMADORES

O Foto-cine Clube Bandeirante está patrocinando o I Concurso Cinematográfico para Amadores, abrangendo filmes em 8 e 16 mm., em branco e preto ou coloridos, classificados em duas categorias: a) filmes de argumento ou enredo e b) filmes documentários (viagens, científicos, turismo, etc.).

Diante da escacez de filmes que se registrou no mercado nacional, o Departamento Cinematográfico daquela agremiação **deliberou prorrogar até 31 de dezembro do corrente ano**, o prazo de inscrições, atendendo assim às solicitações que lhe foram endereçadas por diversos amadores de São Paulo e de outros Estados, interessados em participar do original concurso.

Além dos prêmios a serem conferidos aos dois melhores filmes em cada categoria, serão outorgados ainda mais dois prêmios especiais oferecidos pelos jornais **A GAZETA** e "**A Gazeta Esportiva**". O primeiro será atribuído ao autor do melhor filme (em 8 ou 16 mm.) que explorar a Capital paulista como tema principal, expondo suas atividades industriais, empreendimentos, arquitetura, parques, etc. e o segundo será conferido ao autor do melhor filme esportivo (disputas, demonstrações, treinamentos, etc.).

A Secretaria do Foto-cine Bandeirante, à rua Avandava, 316 nesta Capital, atenderá com o maior prazer às consultas dos interessados em participar deste concurso, bem como acolherá com simpatia quaisquer sugestões para maior êxito da disputa.

O NOSSO BOLETIM EM CONCURSO

Acreditamos que ninguém ainda se tenha lembrado de bater o recorde mundial de febre... Mas não seria de estranhar que tal acontecesse. Estamos positivamente na era da eficiência, das competições, dos concursos, dos primeiros colocados, etc.. Sinal dos tempos.

Afinal, essa é u'a maneira de se saber e aquilatar do padrão de qualidade das coisas. Então, assim seja.

Esse comentário vem a propósito de um concurso recentemente realizado pela P. S. A. (Photographic Society of America), entre as revistas editadas pelos Clubes e Entidades Fotográficas dos diversos países.

O nosso Boletim participou desse concurso e o resultado parece não ter sido dos piores:— premiado com a flâmula de recomendação especial pelo seu interesse e valor informativo!

Mas, vejamos o que nos relata, sobre o concurso, o Sr. H. J. Johnson, diretor da P. S. A., encarregado do mesmo, em carta dirigida ao Secretário do F. C. B., Sr. Fernando Palmério, e cuja tradução damos a seguir:

“Tenho a grata satisfação de informar que o seu “Boletim F. C. B.” foi premiado com uma das flâmulas de recomendação especial, pelo seu interesse e valor informativo. Ela lhes será enviada tão logo nos seja entregue pelo fornecedor.

O Boletim que recebeu a maior pontuação foi o do “Longbeach Camera Club, “SPOTLIGHT”, com 259 pontos. O seu boletim recebeu o total de 240 pontos, mas superou o SPOTLIGHT pela qualidade indicada no primeiro parágrafo. Junto estão as folhas de julgamento de cada um dos três juizes, as quais poderá utilizar para melhor orientação. Mais tarde vamos divulgar um artigo quer em nosso boletim como no PSA JOURNAL dando um sumário do concurso e as recomendações dos juizes.

Sinceramente,

(a) H. J. Johnson”.

O primeiro parágrafo constante das papeletas de julgamento, diz respeito ao CONTEUDO: a) Interesse e valor informativo (estilo editorial, proporção de comentários, seleção de assuntos, etc.); b) Estímulo para participar de outras realizações do Clube(criando entusiasmo, espírito de coletividade, etc.) e c) Serviços ou utilidade para o Clube (calendário das atividades, informes das reuniões, colocação de concorrentes, etc.).

O segundo parágrafo diz respeito a APRESENTAÇÃO: a) “lay-out” (arranjo do texto, ilustrações, anúncios, etc.) e b) Impressão (clareza, legibilidade, perfeição, etc.).

Como vemos, segundo a carta do Sr. H. J. Johnson, nosso Boletim superou o 1.º colocado, quanto ao CONTEUDO. E, á margem das respectivas papeletas de julgamento, os juizes, Srs. Vic Scales, Diretor de Publicidade da P. S. A., Fred Quellmalz Jr., editor do “P. S. A. Journal” e George Rowan da revista “The Camera”, apuzeram os seguintes comentários:

“1) No todo uma excelente publicação. Julgada de acordo com os padrões americanos, a impressão é razoavel, podendo, contudo ser excelente para o Brasil. Poderia sugerir as margens um pouco maiores.

2) Uma realização ambiciosa. Deve fazer os sócios do Clube orgulhosos”.

Francamente, sentimo-nos mesmo orgulhosos com esse resultado e a flâmula recebida constituirá novo estímulo para o aprimoramento do nosso Boletim.



Fac-simile da flâmula conquistada pelo Boletim e que ora orna a séde social do Foto-cine Clube Bandeirante.

VAMOS DIRIGIR FILMES

Antonio da Silva Victor

E' muito frequente ouvirmos a seguinte observação, terminada a projeção de um filme: "— Si eu fosse o diretor, naquela cena do apartamento eu teria feito assim...".

O que vem depois, si ouvido pelo "acusado", iria por certo provocar-lhe o riso e quem sabe mesmo alguma reação fisicamente agressiva.

A maioria dos que frequentam cinema e de forma especial aqueles que mais estudam e se apaixonam por ele, julga possuir uma "natural" inclinação para dirigir filmes. Por esse motivo, dificilmente afirmamos que êste ou aquele diretor tenha obtido os melhores resultados na apresentação de suas obras cinematográficas. Nossa insatisfação é enorme e sempre desejamos mais, mais, cada vez mais.

De qualquer maneira, nem sempre isto é possível e temos a convicção de que si alguém afirmasse ter a direção sido perfeita, outros, por força da imaginação fariam despontar a célebre "peninha". Seria o caso de perguntarmos:— Não existe um trabalho de direção perfeito? Sim, existe. Aí estão para o provar, tantas e inesquecíveis realizações do cinema, indelevelmente gravadas em nossa memoria.

As palavras do nosso espectador podem ter alguma oportunidade e até mesmo serem aproveitáveis, após o indispensável trabalho de assimilação que a técnica cinematográfica exigisse. Não seria de todo impossível que ele apresentasse algumas sugestões perfeitamente práticas. No entanto, ele estaria evidenciando um extraordinário grau de convencimento e se aventurando temerosamente, si contando com os conhecimentos artísticos que possui se atrevesse a assumir o encargo de dirigir uma obra de cinema.

Bem poucos se preocupam em conhecer, mesmo superficialmente, quais os principais requisitos a serem preenchidos para a realização eficiente de uma película. Si o fizessem, certamente passariam a ser mais generosos na apreciação de qualquer trabalho que analisassem.

Para estes, por exemplo, é absolutamente indiferente tenham surgido no decorrer da filmagem questões como estas:

que o Diretor tenha sido obrigado, por disposições contratuais, a incluir determinado "astro" ou "estrela" no elenco, por imposição do produtor;

que o Diretor teve de trabalhar com elementos de capacidade artística limitada e, por isso mesmo, absolutamente incapazes de "sentir" os personagens;

que o Diretor teve de entregar o filme para a "preview" dentro de um limitado número de dias;

que o Diretor não pode, por determinação do produtor, modificar qualquer parte do cenário, visando obter resultado mais artístico ou dramático;

que o Diretor não contou com uma equipe de técnicos amoldada ao seu temperamento;

que não teve, também, para melhor realização, aquele apôio moral do produtor, uma das maiores razões de alguns filmes terem obtido tanto êxito.

Ainda poderíamos destacar outras particularidades. Contudo, julgamos serem estas o bastante, para ilustrar quão árdua é a função do Diretor.

Recorremos a um artigo de David Lean, o conhecido diretor inglês, para extrair dali outras afirmativas, ratificando as rápidas considerações que registramos:

- 1 — Devemos ser, ao mesmo tempo, práticos e imaginosos — De nada nos vale possuímos belas idéias si não formos capazes de interpretá-las. Já lemos e ouvimos inúmeros e famosos teóricos do cinema e a conclusão das suas digressões, frequentemente, nada têm que as relacione com o trabalho da "câmera" ou mesmo com as instalações do "studio". Teoria é uma cousa e prática é outra. O simples fato de possuímos talento não é o suficiente para alcançarmos sucesso na indústria do cinema.
- 2 — O trabalho cinematográfico é árduo. Devemos possuir enormes reservas físicas e mentais para podermos cobrir o período médio de 12 semanas de filmagens.
- 3 — Devemos ter a capacidade inata de orientar as pessoas e termos um interesse excepcional para as questões do comportamento humano. Os filmes constituem um estudo de indivíduos e suas emoções e, como diretor, somos obrigados a conhecer muito melhor do que qualquer outra pessoa, as particularidades de cada personagem em ação.
- 4 — Devemos possuir um senso dramático muito preciso.
- 5 — Devemos ser um tanto egoistas. Não nos parece possível entender de outra forma quando nos lembramos que temos de fazer o público apreciar o filme segundo a "nossa" concepção. Os melhores filmes, no nosso entender, são aqueles que reproduzem a personalidade de um homem.

6 — Devemos ter pelo cinema um grande entusiasmo e uma ilimitada admiração.

As palavras de Mr. Lean, fruto de sua notável experiência, permitem avaliar quanto se exige do diretor: imaginação, tenacidade, auto-suficiência, segurança de raciocínio, autoridade, conhecimentos técnicos, vitalidade, paciência e principalmente um incomparável e sadio entusiasmo pelo trabalho que realiza.

Si o prezado leitor possuir todos os requisitos, então poderá dizer: “— Si eu fosse o diretor...”.

“CONCEITOS ESTÉTICOS DO CINEMA : HONTEM E HOJE”

Palestra pelo Sr. Carlos Ortiz
Cronista Cinematográfico da “Folha da Manhã”

Está marcada para a noite de 15 de dezembro em nossa sede social mais uma palestra cinematográfica e que será proferida pelo sr. Carlos Ortiz, conhecido crítico, cujas colaborações figuram na seção especializada do matutino “Folha da Manhã”.

O ilustre jornalista, cujas atividades se vem fazendo notar no campo da cinematografia, irá abordar um tema sumamente interessante, estudando historicamente o desenvolvimento da estética cinematográfica, situando e comparando conceitos dos clássicos do cinema antigo e moderno, bem como irá destacar o papel do crítico na orientação do público, através de observações práticas que já teve oportunidade de reunir.

A palestra será ilustrada com projeções — slides e filmes — estando desde já para ela convidados todos os nossos associados e pessoas interessadas.

“CINEMA E FOTOGRAFIA”

Palestra realizada pelo Dr. Benedicto J. Duarte

Como havíamos comunicado aos nossos associados, realizou-se na noite de 17 de novembro, com apreciável afluência de associados e pessoas interessadas, a palestra cinematográfica do nosso consócio e fundador, Dr. Benedicto J. Duarte a qual versou o tema: “Cinema e Fotografia”.

Teve oportunidade o conferencista de salientar a importância e o valor da fotografia como fator marcante da cinematografia, em cujo campo encontra preciosos elementos para transmitir as mais variadas sensações: desde a emotividade, pelo próprio registro dos acontecimentos, até o encantamento visual.

Salientou a relevância da fotografia como elemento de acentuação rítmica, situando o papel dela na moderna cinematografia e sua utilização pelos mais destacados cineastas. Traçou oportunas considerações em torno da necessidade do melhor equilíbrio da fotografia no cinema, tendo fixado, esquematicamente os princípios básicos dessa orientação.

Concluindo o trabalho, que foi muito apreciado pela assistência, o conferencista projetou diversos fotografias de uma película que está realizando em colaboração com diversos técnicos paulistas e depois um “trailer” em 16 mm., parcialmente sonorizado, dessa mesma



produção, através do qual pudemos constatar a excepcional qualidade da fotografia e a oportuna montagem rítmica que apresentou, demonstração evidente daquilo que havia sido matéria da própria palestra.

Encerrando a sessão, estabeleceu-se oportuno e proveitoso debate entre o conferencista e os jornalistas, Saulo Guimarães e Xisto Carvalho, tomando parte também o nosso associado Manoel Tavares.

No clichê, um aspecto colhido por ocasião da palestra.

O BANDEIRANTE NO EXTERIOR

Novos exitos na Europa - O Brasil, 1.º no Chile.

Noticias que nos chegam antecipadas, dos vários salões internacionais de que o Clube está participando, dão-nos conta de que novos e brilhantes exitos vem sendo assinalados pelos nossos consócios, enaltecendo assim, cada vez mais, a arte fotográfica brasileira. E' portanto, com grande satisfação que, enquanto aguardamos maiores detalhes, anunciamos, desde já, os seguintes :

II Salão de San Sebastian, Espanha

Dois valiosos premios foram conquistados pelos "bandeirantes", a saber: "Copa Alfa", por Roberto Yoshida, com o trabalho "Ovos", e o "Premio Centro de Atracion e Turismo de San Sebastian", por Sergio Trevelin, com a fotografia "Paz".

Aos vencedores, as nossas congratulações.

II Salão de Salzburg, Austria

Através de correspondência recebida pelo nosso confrade "S. F. F.", revista da Sociedade Fluminense de Fotografia, e publicada em seu número de Outubro p.p., pudemos apreender da excelente impressão causada pelo conjunto brasileiro no certame de Salzburg, tendo a entidade fluminense levantado, brilhantemente, o primeiro lugar dentre as associações que participaram com mostras coletivas. Além disso, Francisco Aszmann, o conhecido e renomado artista-fotógrafo húngaro que desde 1948 fixou residência no Rio de Janeiro, filiando-se logo á Soc. Fluminense de Fotografia da qual é, atualmente, Diretor Técnico, e ao F. C. B. e valorizando assim, com seus trabalhos, as representações brasileiras, conquistou com suas fotografias "Serpentina" e "Antes do temporal" duas medalhas de prata, enquanto que nosso consócio Manoel Morales Fo., obteve "Diploma de Honra", com sua fotografia "Meditação".

Tiveram também trabalhos admitidos neste Salão, mais os consócios Plínio S. Mendes, com "Flor de maracujá", Nelson S. Rodrigues com "Borrasca", Eduardo Salvatore com "Sombras da tarde" e "Sêde", e Alfio Trovato com "Céu de Abril".

Á co-irmã fluminense e aos vencedores individuais, nossos parabens.

37.º Salão de Paris, França

Também no renomado Salão de Paris, um dos mais antigos do mundo, figurou o Bandeirante com destaque, atraindo comentários do mais favoráveis. São os seguintes, os consócios que participaram desse importante certame :

Julio Agostinelli, com "Trilhos"; Francisco Albu-

querque com "Vaqueiros nordestinos" e "Ondas"; Gaspar Gasparian com "Roofs of Quebec"; Ludovico E. Munglioli com "Sonho"; Masatoki Otsuka com "Tarde tempestuosa"; Fernando Palmério com "Tarefaíro Mirim"; Jacob Polacow com "Estudo com janela"; Asterio Rocha com "Olguidares", "Jangadas" e "Terceira classe"; Eduardo Salvatore com "Pateo de manobras", "O homem e a natureza" e "Sombras da tarde", e Roberto Yoshida com "Salão de Belas Artes".

Participou também do Salão de Paris, nosso colega Jaime Moreira de Luna, da Soc. Fluminense de Fotografia, com "Cumulus congestus" e "Entardecer santarritense".

13º Salão do Chile

Mas não foi só na Europa que o último mês foi dos mais felizes para as representações bandeirantes. Também no Chile, os aficionados brasileiros obtiveram outro expressivo exito, dando ao Brasil a primeira colocação em trabalhos admitidos, sendo que concorrendo com mais 22 paizes, teve 39 trabalhos aceitos, seguido da Argentina com 36, Estados Unidos com 35, Chile com 34 e Hungria com 31. Para esse resultado contribuiu particularmente a representação do F. C. Bandeirante, eis que dos 39 trabalhos acima referidos, 35 são de 22 consócios, saber :

Francisco Albuquerque, com "Nu" e "Fundição"; Galiano Caliera com "Amarras" e "Nho Tide"; Thomaz J. Farkas com "Presagio"; Gaspar Gasparian com "Dalias"; Djalma Gaudio, do Rio de Janeiro, com "Igreja de São Francisco" e "Graça carioca"; Carlos F. Latorre com "Zilda" e "Sesta"; German Lorca com "Fim de pescaria" e "Porto de Areia"; Jean P. Liechty, de Sta. Catarina, com "Etude"; Plínio S. Mendes com "Repouso" e "Ultimas luzes"; Ludovico E. Munglioli com "Notívagos"; Angelo F. Nuti com "Sombras ondeantes"; Masatoki Otsuka com "Silhueta"; Fernando Palmério com "Igreja" e "Caixa Econômica"; Jacob Polacow com "Vinheta rustica" e "Serenata"; Nelson S. Rodrigues com "Cabeluda"; Eduardo Salvatore com "Tormenta" e "Tempo de crise"; Aldo Souza Lima com "Estudo" e "Noturno"; Ismael A. Souza com "Contemplação", "Regresso do aprisco" e "Noturno"; Alfio Trovato com "Chaleiras"; Luiz Vaccari com "Por do sol"; Antonio S. Victor com "O homem e a máquina"; e José V. E. Yalenti com "Energia".

Os demais trabalhos que figuram na representação do Brasil pertencem a José Oiticica Fo., nosso consócio óra residente nos Estados Unidos, com "Estudo", "Noturno", "Idade feliz" e "Recolhendo a rêde", e Almir Lopes de Carvalho, de Niterói, com "Entardecer".



Propor novos sócios é o dever de todo bom sócio



ATIVIDADES FOTOGRÁFICAS NO PAÍS

IV SALÃO PIRACICABANO DE ARTE FOTOGRÁFICA

Associando-se às comemorações que se prestavam em todo o país à memória de Ruy Barbosa, o Centro Acadêmico "Luiz de Queiroz", levou a efeito, no dia 5 de novembro, corrente, a inauguração do seu IV Salão de Arte Fotográfica.

Como têm acontecido nos anos anteriores, o fato despertou desusado interesse na população, comparecendo às solenidades, grande número de interessados, além dos convidados oficiais, professores da "Luiz de Queiroz" e diretores do Centro Acadêmico. O Foto-cine Clube Bandeirante foi representado no ato pelo sr. José Serodio Filho.

O ato inaugural foi presidido pelo nosso consócio Nelson de Souza Rodrigues, idealizador dos salões anteriores e que, em breves palavras, discorreu sobre o histórico da fotografia, enaltecendo a figura de Hercules Florence que, desde o ano de 1822, na Vila de São Carlos (hoje Campinas), já fazia fotografia. Terminou a oração, salientando a Arte atribuída a Daguerre como um dos fatores do desenvolvimento da humanidade.

Com uma salva de palmas, foi cortada a fita simbólica, lavrando assim mais um tento os acadêmicos de Agronomia de Piracicaba.

II SALÃO DE ARTE FOTOGRÁFICA DE SÃO CARLOS

A 16 de dezembro p.f., deverá ser inaugurado o 2.º Salão de Arte Fotográfica de São Carlos, o qual permanecerá aberto ao público no saguão do magestoso edifício da Escola Normal daquela localidade.

Notícias recém-chegadas de São Carlos, nos dão conta de que os aprestos para esse certame estão sendo

conduzidos pelo Dr. Ulysses F. Nunes e seus companheiros, com acuidade invulgar, afim de lhe assegurarem o maior brilhantismo possível.

Além dos trabalhos de autoria dos sancarlenses, serão expostos, também de concorrentes de Casa Branca, do Rio de Janeiro, de Curitiba e do nosso Foto-cine Clube Bandeirante, numa estimativa de 120 fotografias, aproximadamente.

Concomitantemente à organização do Salão, os sancarlenses estão efetivando a fundação do seu Foto-cine Clube que já existia, por assim dizer, em estado potencial. Farão parte da primeira Diretoria: Dr. Ulysses Nunes, presidente; Enéias Camargo, secretário; Ernesto Rodrigues de Lima, tesoureiro; Porceno Marino, diretor de fotografia; João Ferreira Martins, diretor de cinema e sra. Elza de Angelis, diretora do departamento feminino.

A novel entidade o Boletim F. C. B. hipoteca sua inteira solidariedade, formulando votos de prosperidade.

II SALÃO PONTAGROSSENSE DE ARTE FOTOGRÁFICA

O nosso Presidente, Dr. Eduardo Salvatore, vem de receber amavel ofício do Foto Clube Pontagrossense, convidando os bandeirantes à cerimônia inaugural do seu 2.º Salão de Arte Fotográfica programada para 3 de dezembro, vindouro.

Em seu ofício, o Sr. Adão R. Felde, Presidente da entidade pontagrossense, convida, igualmente a Diretoria do F. C. B. a designar 3 membros do nosso Clube para constituírem a comissão de julgamento dos trabalhos apresentados ao referido Salão. Excusa dizer o quanto desvaneceu aos bandeirantes essa alta distinção e prova de apreço.

KOSMOS FOTO
ARTIGOS E SERVIÇOS
FOTOGRAFICOS, CINEMATOGRAFICOS
RUA SÃO BENTO, 288 - TEL 2-5882
SÃO PAULO

CALENDARIO DAS ATIVIDADES SOCIAIS PARA DEZEMBRO

DIA 1 — Quinta-feira, às 20,30 horas — Sessão cinematográfica com filmes gentilmente cedidos pela "Pan-American World Airways": — **WINGS TO HAWAII** e "**MEXICO AND GUATEMALA**" — dois excelentes documentários em ténicolor.

DIA 10 — Sábado, às 16,30 horas — Sessão cinematográfica com o filme da R. K. O., "**SILENCIO NAS TREVAS**" estrelado por Dorothy Mc Guire.

DIA 15 — Quinta-feira, às 20,45 horas — Palestra sobre assuntos cinematográficos, pelo jornalista **CARLOS ORTIZ**, cronista especializado da "Folha da Manhã".

DIA 20 — Terça-feira — Encerramento das inscrições para o **5.º CONCURSO DE DIAPOSITIVOS EM CORES**, o último da série programada para o corrente ano, e para o **CONCURSO INTERNO DE FOTOGRAFIA**, sob **TEMA LIVRE**, encerrando a série de 1949.

DIA 24 — Sábado, às 16 horas — "**NATAL BANDEIRANTE**" — Festa de confraternização dos associados e Exmas. Famílias. —

— Cinema infantil: desenhos e comédias;

— "Papai Noel" em pessoa, distribuirá brinquedos, brindes, balas, surpresas e... conselhos!

DIA 26 — Segunda-feira, às 20,30 horas — Julgamento do **5.º Concurso de Diapositivos em cores**.

DIA 29 — Quinta-feira, às 20,30 horas — Julgamento do último Concurso Interno de Fotografia.

DIA 31 — Sábado — Encerramento das inscrições para o **1.º CONCURSO CINEMATOGRAFICO NACIONAL PARA AMADORES**.

CONCURSOS INTERNOS

Os Concursos de Dezembro

Encerrando a série de concursos internos de 1949, teremos no próximo mês de dezembro mais um concurso de fotografia em branco e preto, sob **TEMA LIVRE**, e o **5.º** concurso de Diapositivos em cores. Como de costume, as inscrições para ambos os concursos serão encerradas no dia 20 daquele mês, às 22 horas, devendo os trabalhos obedecer às condições vigentes do Regulamento de Concursos Internos.

O Calendário de 1950

Pelos respectivos departamentos, foi já elaborado o calendário dos concursos internos para o ano de 1950, tanto de fotografias em branco e preto como de diapositivos em cores, estando assim distribuídos os temas a que obedecerão:

Meses	Fotografia	Diapositivos
Janeiro	TEMA LIVRE	1.º Tema Livre
Fevereiro	FLORES (composições ou ao natural)	— —
Março	TEMA LIVRE	2.º Tema Livre
Abril	INDUSTRIAS (cênas, trabalhos, maquinários, etc.)	— — 3.º Tema Livre
Maio	TEMA LIVRE	
Junho	DIAS DE CHUVA	— —
Julho	TEMA LIVRE	4.º Tema Livre
Agosto	PAISAGENS	— —
Setembro	TEMA LIVRE	5.º Tema Livre
Outubro	Não haverá concursos em virtude da realização do IX SALÃO INTERNACIONAL DE ARTE FOTOGRAFICA DE S. PAULO.	
Novembro		
Dezembro	"UMA CHICARA DE CAFÉ" (Composição)	6.º Tema Livre

"FLASH...ADAS"

Não há a menor dúvida que a nova séde social, com as comodidades que possui nos vem proporcionando atrativos inesperados. Assim é que, noutro dia, tivémos uma demonstração prática de... Bordado e Tricôt, da qual se incumbiram, com pericia admirável, as Exmas. Sras. Florence, Nuti, Palmério e Salvatore.

Yalenti não aparece no clichê, mas contou-nos o reporter que ele não perdeu nenhum ponto!...



CARTAS DE WASHINGTON

(Conclusão)

cos dolares, restringem bastante as minhas atividades pictoriais. O meu serviço de documentação aqui no Museu, faço-o todo fotograficamente e creio que sem os meus conhecimentos fotográficos, minhas atividades aqui não teriam o sucesso que estão tendo. Porém todo o material é comprado com o dinheirinho do meu bolso e assim pouco me sobra para "fazer arte". No entretanto, aproveitando as folgas dos sábados (às vezes) e dos domingos, tenho batido algumas fotos e já possuo alguns negativos... documentários.

Trabalho com a minha velha Rolleiflex e com uma Auto Graflex 3¼ x 4¼ que adquiri de um colega aqui no Museu. Só an-

do a imaginar o que dirão as "Cianidricas" quando eu por aí aparecer com a tal Auto Graflex, que mais parece um rádio portátil do que uma máquina fotográfica. Mas, apesar do peso e tamanho, acho-a muito interessante. A princípio pensei que a lente de distancia focal bem grande (7½ polegadas ou um pouco mais de 18 centímetros) fosse prejudicial para paisagens devido ao ângulo relativamente pequeno da lente. Mas, ao contrário, a seleção do assunto é mais rigorosa e composições interessantes que passam despercebidas com a Rolleiflex aparecem na Graflex com aspectos novos e interessantes. Tudo isto, entenda-se, ao meu modo de ver, talvez não necessário para outros com maior visão artística do que eu.

E, por hoje é só. Até a próxima carta.
Novembro de 1949.

CALENDÁRIO DE SALÕES INTERNACIONAIS DE 1950

Pelo Diretor de Intercambio, foi organizado o calendário abaixo de salões internacionais a se realizarem durante o ano de 1950 no estrangeiro, e aos quais o Clube concorrerá em representações coletivas de seus associados.

Nessa relação foram incluídos, de preferência, os salões promovidos por entidades congêneres que mantem intercambio com o Fc. C. B., concorrendo com

idênticas representações ao Salão Internacional de São Paulo.

Foram considerados apenas os salões que se realizam impreterivelmente, todos os anos, o que não impedirá de á relação serem acrescentados, posteriormente, outros salões e certames promovidos por associações amigas ou que venham a iniciar relações com o nosso Clube.

S A L Õ E S		CIRCUITOS	Datas de entrega no Clube
	Salão Int. da "Irish" (Dublin - Irlanda) (1950)	Outros salões da Irlanda (prov.)	3 de Dezembro
4.º	" " de Mendoza (Argentina)		8 de Janeiro
4.º	" " " Montreal (Canadá)	Vancouver, Vitória, etc.	31 de Janeiro
9.º	" " " Barcelona (Espanha)	San Sebastian, Zaragoza e pr v. Madrid	5 de Fevereiro
41.º	" " " Londres (Inglaterra)	Southgate e Combined Societies	5 de Março
6.º	" " " Adelaide (Austrália)	Sidney, Melbourne e Nova Zelandia	30 de Abril
38.º	" " " Paris (França)	Holanda, Luxemburgo e Checoslováquia (prováveis)	12 de Maio
4.º	" " da Dinamarca	Suécia e Noruega (prováveis)	19 de Maio
11.º	" " de Três Arroyos (Argentina)		23 de Maio
	" " " F. K. Iris (Antuerpia)	Gand, Charleroi e outros da Bélgica	4 de Junho
6.º	" " do F. C. Buenos Aires (Argentina)		30 de Junho
9.º	" " da Chicago H. Soc. (Chicago)	Outros salões dos E.E. U.U.	16 de Julho
4.º	" " de Retratos, Bolonha (Itália)		25 de Julho
14.º	" " do Chile (Santiago)		6 de Agosto
14.º	" " " F. C. Argentino (Buenos Aires - Argentina)		29 de Agosto
	" " " Soproni F. K. (Hungria)	Outros salões da Hungria e Austria	11 de Setembro
7.º	Concurso Esportivo do C. A. Provincial de Rosario (Argentina)		24 de Setembro

O P O R T U N I D A D E S

Esta secção acha-se à disposição dos amadores ou profissionais interessados na compra, venda ou permuta de aparelhos ou materiais foto-cinematográficos, sendo os pequenos anúncios cobrados à razão de Cr.\$ 50,00 para o máximo de 4 linhas. Para os sócios do Clube, a inserção de um pequeno anúncio, mensal, será gratuita.

CONSERTOS de máquinas em geral, especializado em estabelecer contacto elétrico para "Flash" em qualquer tipo de obturador central, garantindo perfeito funcionamento. SJOERD DE BOER, Al. Santos, 2450, apt. 12.

ESMALTADEIRAS 50x60, plana, toda de ferro, "Fontamac", da qual existem imitações de fabricantes inescrupulosos. Esmaltadeiras de outros tipos, refletores, roletes, placas cromadas, porta-retratos. Acessórios em geral para fotografia pelos melhores preços. Aceitam-se pedidos do interior. FONTAMAC, R. Francisca Miguelina, 190, Fone:- 3-5628. —

VENDE-SE

PAILLARD BOLEX, um filmdor de 8 mm, dotado de 3 objectivas e um projetor DE JOUR 8 mm. de 750 w., tudo por Cr.\$ 16.000,00. Tratar com Sr. Nuti, R. Florencio de Abreu, 752, Fone:- 4-6595. —

ROLLEIFLEX, visores esportivos para câmaras Rolleyflex. Tratar com José Giangrande pelos fones:- 2-1388 e 3-7448. —

ROLLEYFLEX UNIVERSAL com obj. Tessar 1:4,5, acompanhada de bolsa, 2 pares de lentes Proxar originais, 4 filtros de cores, 1 filtro Polaroid e um manual Rolleyflex. Preço Cr.\$

4.000,00. Tratar com Geraldo de Barros, à noite, na séde do Clube. —

Por Cr.\$ 9.000,00 :— 1 LEICA III-a com Summar 1:2, 1 grande-angular Elmar 1:3,5 de 35 mm., 1 tele Elmar 1:6,3 de 105 mm., 1 visor universal, 3 filtros originais e o estojo próprio para o conjunto. Tratar com F. Albuquerque — fone:- 8-7650. —

SEAGERS GIN

(DIGA SIGA)

Agora também em

1/2
LITROS

Atendendo a todas as posses, SEAGERS GIN é agora encontrado em duas embalagens distintas - 1 litro e 1/2 litro! Eis à sua disposição o "VELHO" e o "JUNIOR", para que V. possa sempre tomar o seu tradicional SEAGERS GIN!

Esta é uma oferta sensacional da SEAGERS DO BRASIL S. A., aos seus inúmeros amigos consumidores. Adquira agora, também, o "SEAGERS JUNIOR", o mesmo inigualável produto em embalagens de 1/2 litros, por um preço realmente acessível.

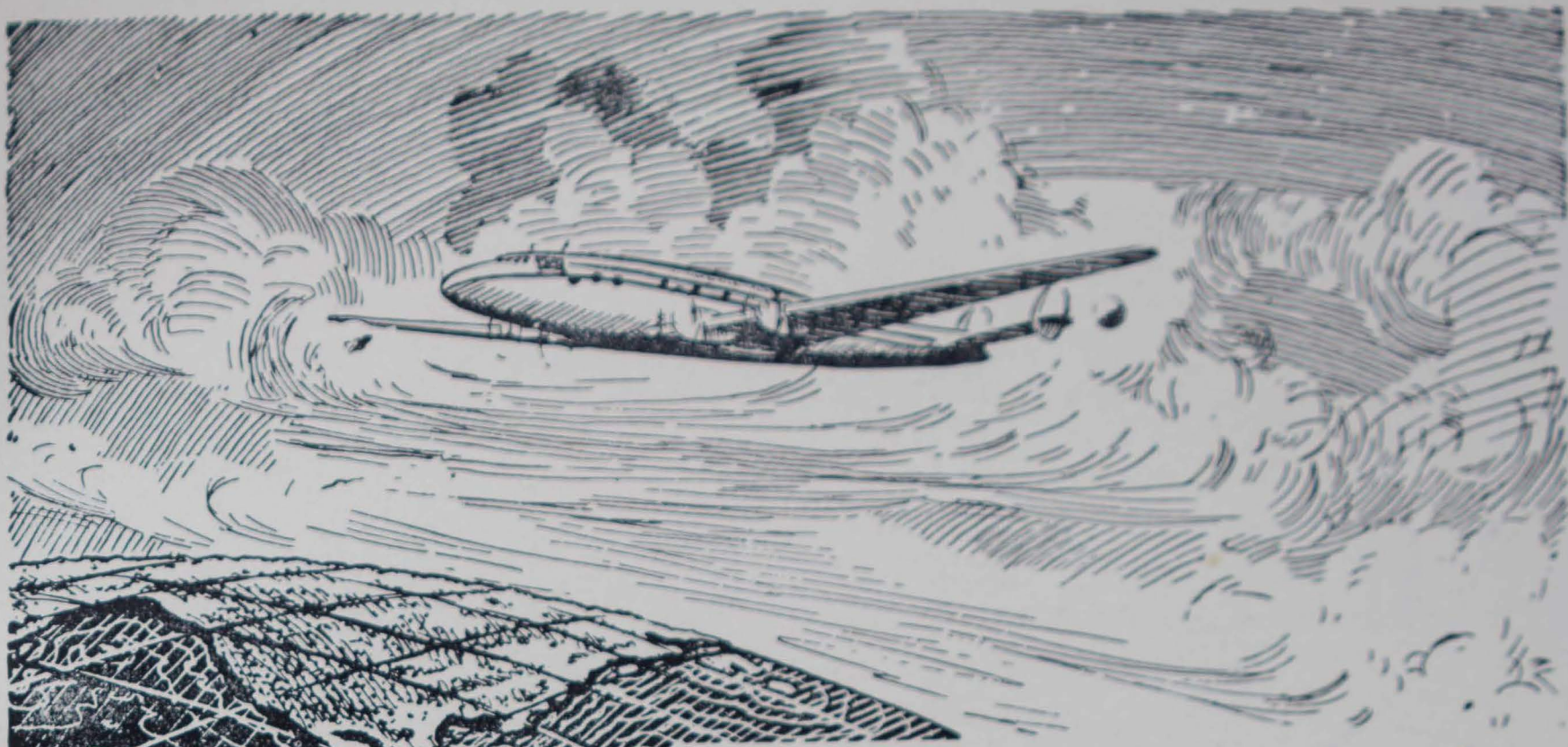


SEAGERS DO BRASIL S. A.

R. Humberto Primo, 961 - São Paulo

O GIN BRASILEIRO MELHOR QUE O ESTRANGEIRO

— P-tinat

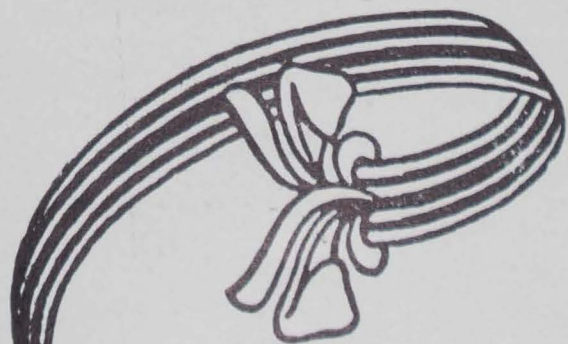


NOS CÉUS DO MUNDO

A "PANAIR DO BRASIL" adotou em suas aeronaves "BANDEIRANTES" para as rotas europeias e americanas talheres e baixelas FRACALANZA. Tal preferência, baseada na matéria prima empregada, na elegância dos artigos e no rigor do seu fino acabamento, representa uma vitória para a indústria brasileira, isto é, para a *prata de casa*.

O "*made in Brazil*", gravado ao pé da gloriosa marca FRACALANZA, percorre os céus do mundo levando por toda parte o nome do Brasil e a afirmação de que a indústria nacional, em alguns particulares, já pode emparelhar com as mais antigas dos vários continentes.

FRACALANZA é uma tradição viva de nossa terra, que atravessa a distância e o tempo, servindo ao Brasil: seu traço característico e a perfeição de suas baixélas e talheres.



Fracalanza

A prata de casa



Gevaert

*sempre na
sua vida.*

